

III Colóquio Internacional Interdisciplinar

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
19-21 janeiro 2015



- Perspectivas interdisciplinares: geografia, história e literatura
- Escrita dos lugares, guias e itinerários turísticos
- Património, identidade e desenvolvimento local

<http://>

[facebook](#)

[Gmail](#)

<http://territur.wix.com/literatura-turismo15>

[/literaturaturismocultural](#)

lit.turcult.15@gmail.com

Organização:



AMBASSADE DE FRANCE
AU PORTUGAL



Apoios:

III Colóquio Internacional Interdisciplinar "Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal"
III Colloque international interdisciplinaire "Littérature, voyages et tourisme culturel au Brésil, en France et au Portugal"
III International Interdisciplinary Colloquium "Literature, travel and cultural tourism in Brazil, France and Portugal"

III Colóquio Internacional Interdisciplinar

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

19, 20 e 21 de janeiro de 2015

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

PORTUGAL

LIVRO DE RESUMOS LIVRE DE RÉSUMÉS ABSTRACT BOOK

Fevereiro de 2015

III Colóquio Internacional Interdisciplinar

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

19, 20 e 21 de janeiro de 2015

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

PORTUGAL

COMISSÃO ORGANIZADORA:

- **Maria Alexandre Lousada** (Universidade de Lisboa, Portugal) - **coordenação**
- **Claudia Poncioni** (Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França)
- **Ida Alves** (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
- **Vania Pinheiro Chaves** (Universidade de Lisboa, Portugal)
- **Vitor Ambrósio** (Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal)

COMISSÃO CIENTÍFICA:

- Alcinda Pinheiro de Sousa (Universidade de Lisboa - CEAUL/DEA)
- Ana Cardoso de Matos (Universidade de Évora- CIDEHUS)
- Ana Francisca Azevedo (Universidade do Minho - DepGeo / CECS)
- Ana Isabel Sardinha (Université Sorbonne-nouvelle, Paris 3)
- Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ))
- Carminda Cavaco (Universidade de Lisboa - IGOT / CEG)
- Claudia Poncioni (Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3)
- Eduardo Brito Henriques (Universidade de Lisboa - IGOT / CEG)
- Gilda Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro e Real Gabinete Português de Leitura)
- Ida Alves (Universidade Federal Fluminense (UFF-NEPA))
- Ilda Mendes dos Santos (Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3)
- Isilda Leitão (Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Estoril (ESTHE))
- João Sarmento (Universidade do Minho - DepGeo e Universidade de Lisboa - CEG)
- José Eduardo Franco (Universidade de Lisboa - CLEPUL)
- José Manuel Simões (Universidade de Lisboa - IGOT / CEG)
- Laura Cavalcante Padilha (Universidade Federal Fluminense (UFF))
- Marcia Manir Feitosa (Universidade Federal do Maranhão (UFMA))
- Maria Alexandre Lousada (Universidade de Lisboa)
- Maria de Lourdes Netto Simões (Universidade Estadual de Santa Cruz-Bahia)
- Masé Lemos (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO))
- Miguel Brito (Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Estoril (ESTHE))
- Norberto Santos (Universidade de Coimbra - CEGOT / Dept Geografia)
- Olinda Kleiman (Université Sorbonne-nouvelle, Paris 3)
- Rita Baleiro (Universidade do Algarve)
- Sílvia Quinteiro (Universidade do Algarve)
- Teresa de Ataíde Malafaia (Universidade de Lisboa - CEAUL/DEA)
- Vania Pinheiro Chaves (Universidade de Lisboa - CLEPUL)
- Vítor Ambrósio (Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Estoril (ESTHE))

SECRETARIADO:

Portugal (**lit.turcult.15@gmail.com**)

- Márlisa Rodrigues Coelho (CEG/IGOT-UL)
- Patrícia Monteiro (CLEPUL)
- Ana Daniela Coelho (CEAUL)

Brasil (**uffnepa@gmail.com**)

- Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana (NEPA-UFF)

CONTEÚDO

1. Perspetivas interdisciplinares: geografia, história e literatura	12
Paisagem: promessa de um mundo restaurado.....	12
<i>Adriana Veríssimo Serrão</i>	12
Turismo, na mudança de paradigmas	13
<i>António dos Santos Queirós</i>	13
A História do Turismo: uma área de confluência de abordagens históricas diversificadas	14
<i>Ana Cardoso de Matos</i>	14
O turismo pode mudar os corpos de lugar?.....	15
<i>Eduardo Brito-Henriques.....</i>	15
Diálogos entre literatura e geografia paisagens em perspectiva	16
<i>Ida Alves</i>	16
1.1 Os conceitos: turismo, viagem, turista, viajante, paisagem	17
Em busca de uma geosofia cartográfica do viajante	17
<i>Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho^{1,a} & Eduardo Marandola Jr.^{2,b}</i>	17
O espaço comestível das Viagens extraordinárias de Jules Verne	18
<i>Edmar Guirra dos Santos</i>	18
1.2 Metodologias e Projetos	19
Turismos Inter-literários/culturais em Inglês e Português	19
<i>Alcinda Pinheiro de Sousa^{1,a} & Maria José Pires^{2,3,b}</i>	19
Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental: balanço de um projecto em curso	20
<i>Ana Isabel Queiroz & Daniel Alves.....</i>	20
Forjar o património em campo: deslocamentos e missões para ver, recolher e consagrar	21
<i>Márcia Chuva.....</i>	21
Espacialidade e Temporalidade presentes na narrativa literária	22
<i>Ideni Terezinha Antonello.....</i>	22
Cultura um fator decisivo na decisão de uma mobilidade académica além-fronteira	23
<i>Anabela Monteiro.....</i>	23
1.3 Viagem, Turismo e Modernidade	25
Teoria e Estética da Paisagem em Portugal no século XX	25
<i>Dirk Michael Hennrich.....</i>	25
Viagem e dialéctica.....	26
<i>Maria Orquídea Leite de Faria Borges.....</i>	26
A Viagem Como Experiência Fundadora No Modernismo Brasileiro	27
<i>Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado.....</i>	27
A paisagem cultural como elemento de leitura na modernidade: os desafios da interpretação em Ouro Preto-Mg.....	28
<i>Thiago Eduardo Freitas Bicalho.....</i>	28
Lisboa e a Sociedade Propaganda de Portugal – modernizar a cidade pelo turismo (1906-1911) ..	29
<i>Pedro Cerdeira.....</i>	29
2. Escrita dos lugares, guias e itinerários turísticos	30
Diário de viagem e a escrita dos lugares: as impressões/reflexões de Agustina Bessa-Luís em Breviário do Brasil	30
<i>Márcia Manir Miguel Feitosa</i>	30
Viagem, contato entre culturas e marcas identitárias: os paradigmas de “formação” e de “inserção” do Brasil no Mundo Globalizado.....	31
<i>Renato Cordeiro Gomes.....</i>	31
O conceito do pitoresco nas narrativas de viagem no Brasil Oitocentista.....	32
<i>Valéria Alves Esteves Lima</i>	32

2.1	Viagem e paisagem na literatura: representações e trajetos	33
2.1.1	Representações do Brasil na literatura brasileira	33
	Paisagem e viagem em As minas de Prata, de José de Alencar	33
	<i>Rafaela Mendes Mano Sanches</i>	33
	Viagem pela História: Portugal e Grão-Pará e Rio Negro (Brasil) no romance “Lealdade”, de Márcio Souza	35
	<i>Maria Cláudia de Mesquita</i>	35
2.1.2	Olhares estrangeiros sobre Portugal e Brasil	36
	Lord Nugent: entre a literatura, a viagem e o turismo cultural – a defesa dos Direitos Humanos.....	36
	<i>Isabel Lousada</i>	36
	Beckford e Byron: dois ingleses com a paisagem de Sintra ao fundo	37
	<i>Eduardo Duarte</i>	37
	Caminhos missionários: escritas de si e da alteridade em “O Diário de Simonton” (1852-1866) ..	38
	<i>Eliza Feres de Lima Moura</i>	38
	Lush Territories and Otherness – Glimpses of 19th Century Portugal and Brazil in Anna Brassey’s Travel	39
	<i>Bernardo Guido de Vasconcelos</i>	39
2.1.3	Olhares poéticos sobre o Brasil	40
	Memórias modernistas da cidade: Belo Horizonte nos discursos literários de Carlos Drummond de Andrade	40
	<i>Danielle Alves Lopes^{1,a}, Rita Baleiro^{2,b} & Sílvia Quinteiro^{2,3,c}</i>	40
	Paisagens de antanho: memórias e percursos de Itabira na poética Drummondiana	41
	<i>Danielle Alves Lopes</i>	41
	Apontamentos paisagísticos na poesia de Horácio Costa, cidadão de algures	42
	<i>Ana Cristina Joaquim</i>	42
	O poeta modernista e o Brasil barroco: Bandeira em viagens	43
	<i>Antônio Donizeti Pires</i>	43
2.1.4	Olhares poéticos sobre Portugal.....	44
	Navegações de Sophia de Mello Breyner Andresen: viagem real ou lírica?.....	44
	<i>Maria da Conceição Oliveira Guimarães</i>	44
	Os Lusíadas – um itinerário contemporâneo	45
	<i>Natasha Felizj</i>	45
	“como sempre caminhei, dentro de mim”: Al Berto, transumância e topofobia	46
	<i>Leonardo de Barros Sasaki</i>	46
	Habitação, povoamento, Manuel António Pina	47
	<i>Leonardo Gandolfi</i>	47
2.1.5	Viagens no séc. XX.....	48
	“Único livro de um brasileiro sobre Portugal”: crônicas de viagem de João do Rio	48
	<i>Virginia Celia Camilotti</i>	48
	Brasil, Portugal e o turismo em xeque: olhares de Cecília Meireles nas Crônicas de Viagem	49
	<i>Karla Renata Mendes</i>	49
	O Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles: configurações poéticas na construção do patrimônio imaterial relativo aos garimpeiros do Alto Jequitinhonha, Diamantina, MG, Brasil ..	50
	<i>Rodrigo Guimarães</i>	50
	Ferreira de Castro e as suas crônicas mediterrânicas: Pequenos Mundos do escritor ‘vagamundo’	51
	<i>Ana Cristina Carvalho</i>	51
	De paisagens e viagens: a crônica de José Saramago.....	52
	<i>Saulo Gomes Thomé</i>	52
2.1.6	Do Alentejo para o Mundo	53
	A escrita do Alentejo: sentido/sentidos para uma paisagem	53
	<i>Maria da Glória Albinho dos Santos</i>	53
	Visão e representação do Oriente por Eça de Queiroz	54
	<i>Maria Cristina Pais Simon</i>	54

A paisagem literária urbana em Aquilino Ribeiro: Lisboa e Paris no início do século XX. Suas representações e trajetos	55
<i>Aquilino Machado</i>	55
2.1.7 Andanças pela Europa.....	56
A Bretanha pelo olhar do escritor-viajante Guy de Maupassant	56
<i>Marianna Fernandes de Vasconcellos</i>	56
«Lá onde nasce o sol nascemos também nós»: Itália e França nos percursos de Ruy Belo	57
<i>Manaira Aires Athayde</i>	57
2.1.8 Relatos de viagem (séc. XVI-XVIII)	58
A paisagem na construção mítica da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto	58
<i>Stéphanie De Jesus</i>	58
... P'lo Douro acima com ùs Amigos – outavas do poeta portuense Tomé Tavares.....	59
<i>Cidália Dinis</i>	59
Entre a devoção e a recreação. O estatuto e a funcionalidade da viagem na literatura em Portugal (séculos XVI-XVIII)	60
<i>Paula Almeida Mendes</i>	60
2.1.9 Olhares sobre si	61
Do relato de viagem ao romance regionalista: ficção e realidade na “construção” da Amazônia do século XIX	61
<i>Nataly Alves Ramos</i>	61
Lieux et Création poétique: demeures privilégiées en France	62
<i>Gloria Melgarejo Granada</i>	62
Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Ramón... ..	63
<i>Maria Mota Almeida^{1,a} & Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira^{1,2,b}</i>	63
Contar uma história da cidade: o caso do livro “Na luz branca de Lisboa”	64
<i>Ana Paula Figueira^{1,2,a} & Victor Figueira^{1,b}</i>	64
2.2 Itinerários turísticos: dos livros de viagens aos guias atuais.....	65
Os jardins na paisagem turística da cidade de Lisboa: uma leitura através dos guias	65
<i>Diogo Fonseca^{1,a} & Carlos Cardoso Ferreira^{1,b}</i>	65
Guidebook Portugal: the cultural politics of tourist representation	66
<i>Maria João Cordeiro</i>	66
As desventuras do viajante: o abandono de Gaetano Osculati.....	67
<i>Brigitte Thierion</i>	67
Representações sociais no mundo luso-brasileiro: as viagens científicas nos séculos XVIII e XIX	68
<i>Paulo de Assunção</i>	68
As descrições turísticas de Macau e Cantão na segunda metade do século XIX: do lugar de fronteira ao ideal da cidade cosmopolita.....	69
<i>Frédéric Vidal</i>	69
Guias e Guias Disfarçados do Bussaco (Portugal, séculos XIX-XX).....	70
<i>Isilda Leitão</i>	70
2.3 Modos de viajar e experiências de viagem.....	71
Duas viagens, duas temporalidades: “Viagem ao Araguaia” e “Encantos do Oeste” (General Couto de Magalhães [1863] e Agenor Couto de Magalhães [1945])	71
<i>Marcia Regina Capelari Naxara</i>	71
Urbano Tavares Rodrigues: uma cultura da viagem.....	72
<i>Maria do Carmo Cardoso Mendes</i>	72
“If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see.”: Encenação e autenticidade e a prática turística	73
<i>Sílvia Quinteiro^{1,a} & Rita Baleiro^{1,b}</i>	73
As representações da viagem e do turismo pelos produtores de narrativas de viagem: os puros e duros, os profissionais e os viajantes turistas	74
<i>Graça Joaquim</i>	74
Leitura geográfica das Viagens na Terra Alheia. De Paris a Madrid de Teixeira de Vasconcelos (1863): Espaços vividos e espaços ficcionados	75

<i>Sara Cerqueira Pascoal</i>	75
Viajar no Egito do século XIX: as experiências de Maxime du Camp, Eça de Queirós e D. Pedro II	76
<i>Luís Manuel de Araújo</i>	76
On the Road – the travel in the Beat style	77
<i>Anna Wyrwik</i>	77
3. Património, identidade e desenvolvimento local	78
Patrimônio Turístico do Estado do Maranhão-Brasil: da singularidade dos cenários naturais à padronização dos processos culturais	78
<i>Antônio Cordeiro Feitosa</i>	78
O Centro Histórico de Évora como Património Mundial da UNESCO. Argumentos de uma candidatura	79
<i>Maria Ana Bernardo</i>	79
Viagens e viajantes: um mundo global à procura de singularidades	80
<i>Norberto Nuno Pinto dos Santos</i>	80
Travels through Forts of Portuguese origin: approaches to heritage and interpretation in the Arabian Peninsula	81
<i>João Sarmiento</i>	81
3.1 Património e itinerâncias turísticas	82
O papel da história e os valores simbólicos no itinerário do Cangaço Eco Parque, em Poço Redondo - Sergipe – Nordeste do Brasil	82
<i>Lílian de Lins Wanderley^{1,a}, Hortência de Abreu Gonçalves^{2,b} & Carmen L. N. do Amaral Costa^{3,c}</i>	82
À Beira Sal Plantada – Rota da Salicórnia	83
<i>Guída da Silva Cândido</i>	83
Na peugada dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste: uma proposta de rally cultural	84
<i>Natália Albino Pires</i>	84
Do Circuito Turístico à Viagem Literária: Óbidos, Alcobaça, Nazaré, Batalha, Fátima	85
<i>Isilda Leitão^a & Vitor Ambrósio^b</i>	85
Rotas do Gharb Al-Andalus – itinerários literários e místicos	86
<i>Natália Maria Lopes Nunes</i>	86
Guia Turístico de Santo António de/por Lisboa	87
<i>Isabel Dâmaso Santos</i>	87
Património literário português e o Fado: Sua valorização turística na cidade de Lisboa	88
<i>Cláudia H. N. Henriques</i>	88
3.2 Paisagens e experiências turísticas	89
O pólo turístico de Xingó, na Região Semiárida de Sergipe e Alagoas, no Nordeste do Brasil	89
<i>Lílian de Lins Wanderley^{1,a}, Hortência de Abreu Gonçalves^{2,b} & Carmen L. N. do Amaral Costa^{3,c}</i>	89
Video storytelling - a challenging tool in cultural and agritourism communication	90
<i>Maria Alexandra de Araújo Viegas Abreu Ferreira Lima</i>	90
Turismo e nobilitação urbana no centro histórico de Lisboa	91
<i>Catarina Leal</i>	91
O novo paradigma de consumo turístico e do fenómeno gentrificação: a resposta com recurso à street art	92
<i>Rita Miranda</i>	92
Turismo Virtual	93
<i>Vanessa Távira^a & Vitor Ambrósio^b</i>	93
3.3 Património e desenvolvimento	94
História, narrativas de viajantes, paisagens urbanas e turismo cultural	94
<i>José Newton Coelho Meneses</i>	94
O Património histórico-artístico das Caldas de Monchique na valorização do destino turístico algarvio	95
<i>Ana Lourenço Pinto^a & Clara Moura Soares^b</i>	95
Turismo cultural urbano: preservação da identidade e desenvolvimento local	96

<i>Paulo de Assunção</i>	96
Iracema e Alencar, ícones literários de Fortaleza	97
<i>José William Craveiro Torres^{1,a} & Maria Ednilza Oliveira Moreira^{2,b}</i>	97
Promover o turismo cultural mediante a reconstituição de acontecimentos históricos: o caso, em Portugal, da feira medieval de Penela	98
<i>Maria do Rosário Castiço de Campos</i>	98
Paisagens vinhateiras: identidade e turismo cultural no Brasil e em Portugal	99
<i>Ana Lavrador^{1,a} & Ivanira Falcade^{2,b}</i>	99
O turismo e as comunidades religiosas dehonianas no Norte e Centro de Moçambique – um caso de estudo na Lusofonia	100
<i>Catarina Encarnação Pereira</i>	100
Identidade e Tradição no Remanescente de Quilombo: o turismo rural na comunidade do Engenho II em Cavalcante, Goiás	101
<i>Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira</i>	101
3.4 Identidade, autenticidade e imaginários	103
Lisboa retro-vintage: procura e uso turístico de permanências e reinvenções do século XX na contemporaneidade urbana	103
<i>Ricardo Torrão^{1,a}, Ana Magalhães^{2,b} & Carlos Cardoso Ferreira^{2,c}</i>	103
Da autenticidade à simulação: alguns exemplos de reenquadramentos turísticos no Brasil	105
<i>Ana Moura Magalhães</i>	105

III Colóquio Internacional Interdisciplinar "Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal"
III Colloque international interdisciplinaire "Littérature, voyages et tourisme culturel au Brésil, en France et au Portugal"
III International Interdisciplinary Colloquium "Literature, travel and cultural tourism in Brazil, France and Portugal"

1. Perspetivas interdisciplinares: geografia, história e literatura

Paisagem: promessa de um mundo restaurado

Adriana Veríssimo Serrão

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

adrianaserrao@fl.ul.pt

Perdidas as categorias englobantes, como *Gea*, *Physis*, Natureza, *Cosmos*, Mundo, Terra, que sustentavam as cosmovisões clássicas, a Paisagem tem sido recentemente chamada a preencher esse hiato conceptual para nomear a unidade do mundo, ou, pelo menos, fracções de mundo onde ainda se manifesta a vida da natureza.

Lamentavelmente, o uso indiscriminado do termo, com acepções tão díspares e a maioria das vezes destituído de uma reflexão conceptual sólida, que ora refere qualquer vista de um espaço já planificado, ora acentua a apreensão hipersubjectiva de um mundo só para mim, tem vindo a comprometer a capacidade unificadora desta categoria.

A Filosofia da Paisagem, iniciada por Georg Simmel, em 1913, e prosseguida nas últimas décadas, não deixou de acentuar a potencialidade acolhente da Paisagem num mundo cada vez mais mecanizado e fragmentado. Além da componente estética – com raízes no Iluminismo e Romantismo – acresceu-lhe a componente ontológica, como dimensão do ser, e ética, sendo que a relação com a Paisagem impõe, ou deve impor, limites ao exercício do agir humano.

Turismo, na mudança de paradigmas

António dos Santos Queirós

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Filosofia

adsqueiros@gmail.com

Palavras-chave: Paradigma, Gosto, Paisagem, Patrimónios, Ética.

Os conceitos

A vulgarização dos conceitos mais disseminados da atividade turística, tomados como evidências e senso comum, conduz-nos à necessidade de avaliar a sua cientificidade_turista, viajante, excursionista, motivação, recurso turístico, paisagem, circuito, rota, turismo cultural e ecoturismo, destino turístico, cadeias de valor, ética do turismo, etc.. para chegarmos à crítica da matriz conceptual criada pela Organização Mundial de Turismo_OMT, e denominada Conta Satélite do Turismo_TSA, que é o seu modelo paradigmático.

Metodologias e fontes no estudo do turismo ambiental (turismo cultural e de natureza)

Partiremos da definição geral de paradigma como uma “matriz disciplinar”, uma constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pela comunidade, para discutir as suas condições de estabilidade e mudança no quadro da fenomenologia do turismo.

Ao investigarmos a natureza específica da economia do turismo, “tourism industry”, seremos conduzidos a estudar como hoje se constitui e se reproduz o capital turístico na sua relação com o/s património (s) e a denominada “indústria de cultura”.

Analisaremos o processo de geração do valor e a produção de mais-valias nas Cadeias de Valor da economia do turismo, integrando neste debate os conceitos de paisagem, recursos e produtos turísticos. Para chegarmos ao conceito de “externalidades” da sua economia. Tal é o caso da relação entre o alojamento, que constitui a o primeiro elo Cadeias de Valor do turismo e o património. Procuraremos demonstrar que atualmente $a=f(p)$, sendo a variável **a** = alojamento e **p** = património isto é, o alojamento tornou-se uma variável económica dependente do património.

É aqui que discutiremos a necessidade de utilizar na epistemologia do turismo e na sua hermenêutica o conceito de “gosto” e não apenas o de “motivação”.

Turismo e modernidade

Mas o reconhecimento da existência de novos paradigmas em competição implica que os investigadores utilizem o mesmo quadro conceptual. Torna-se assim imperativo tornar mais universal a linguagem académica e científica do turismo, imperativo para o qual este trabalho deverá contribuir.

Em tese, deveremos poder concluir que a definição de turismo não pode ser reduzida ao de mais um setor da economia, porque a moderna abordagem conceptual da sua fenomenologia inclui uma economia própria, uma perspetiva histórico-política, uma dimensão sociocultural e uma dimensão antropológica, fundamentada numa nova filosofia da natureza e do ambiente e no episteme das Éticas Ambientais, que já enformam o documento final do Código Mundial de Ética do Turismo.

A História do Turismo: uma área de confluência de abordagens históricas diversificadas

Ana Cardoso de Matos

Universidade de Évora, CIDEHUS

anacmatos@mail.telepac.pt

Nas sociedades actuais o Turismo é uma forma privilegiada de lazer e uma componente importante da economia de vários países tem uma larga tradição histórica. No entanto, para se compreender toda a dimensão do “turismo de massa” dos dias de hoje é necessário conhecer as transformações económicas, sociais, políticas e tecnológicas verificadas desde finais do séc. XVIII e que deram origem ao fenómeno.

O estudo do turismo em perspectiva histórica tem conhecido nas últimas décadas um interesse crescente e as abordagens têm-se diversificado. Assim, os estudos sobre a forma como evoluiu o turismo em cada país têm incidido sobre os aspectos como: a evolução dos transportes que o desenvolvimento tecnológico foi colocando à disposição dos viajantes/turistas, desde o caminho-de-ferro ao avião; o surgimento de novas indústrias associadas aos vários meios de transporte, como foi o caso da indústria de malas; a construção de hotéis e de novos espaços de lazer, como os casinos; as estâncias terapêuticas ligadas ao estudo e exploração das águas termais; o desenvolvimento da publicidade relativa aos espaços a visitar; etc.

As investigações realizadas em torno do turismo e das instituições promotoras desta actividade têm dado um âmbito mais lato a esta área de investigação, permitindo abordar iniciativas, personagens, ligações ao poder instituído, entre outros aspectos. O impacto que a maior procura de determinadas cidades, termas ou praias por parte dos viajantes/turistas teve sobre o desenvolvimento urbano, a modernização das infraestruturas existentes e o embelezamento desses espaços, tem sido outra das abordagens dos estudos históricos sobre este tema. Por seu lado, o estudo da literatura associada ao turismo, desde os relatos de viagem, às revistas ligadas com esta actividade, passando pelos guias de viagem permitem abrir novas perspectivas na abordagem ao fenómeno turístico. A análise da evolução e do conteúdo dos guias de viagem, editados pelas Sociedades Promotoras destas actividades, pelas Companhias de caminho-de-ferro, ou por outras instituições, têm aberto novas linhas de investigação, pois a variedade de informações que os mesmos contêm permitem abordagens muito diversificadas como, por exemplo, a análise da cartografia ou a identificação dos destinos que em cada momento eram propostos. Os guias foram também formas de apreensão do espaço, que contribuíram para a divulgação de novos lugares, como as termas ou as praias, para a "construção" de imagens sobre as cidades ou o campo, e para a identificação dos espaços e locais que em cada momento foram reconhecidos como Património Cultural.

O turismo pode mudar os corpos de lugar?

Eduardo Brito-Henriques

Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Estudos
Geográficos

Diálogos entre literatura e geografia paisagens em perspectiva

Ida Alves

Universidade Federal Fluminense

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

idafalves@gmail.com

Palavras-chave: literatura; paisagem, lirismo urbano, geografia literária; contemporaneidade; interdisciplinaridade.

Desenvolve-se reflexão a respeito do diálogo entre literatura e geografia, a partir de fundamentação teórico-crítica que aborda a paisagem como construção cultural capaz de expressar de maneira questionadora a relação entre sujeito, mundo e palavra. A presença da paisagem em alguma produção poética de língua portuguesa pós-70 do século XX e a configuração de geografias da emoção que se manifestam no lirismo urbano contemporâneo em torno de subjetividades em tensão. A produtividade dessa abordagem interdisciplinar, indicando-se perspectivas e questões de trabalho.

1.1 Os conceitos: turismo, viagem, turista, viajante, paisagem

Em busca de uma geosofia cartográfica do viajante

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho^{1,a} & Eduardo Marandola Jr.^{2,b}

¹Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências

²Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas

^a geo.caegalvao@gmail.com; ^b ejmarandola@gmail.com

Palavras-chaves: geosofia; viajante; geograficidade; existência; mobilidade.

Habitamos e afetamos espaços geográficos ao mesmo tempo em que eles nos habitam e nos afetam. O espaço em que vivemos não é um mero palco onde existimos, pelo contrário, é parte constituinte da nossa própria existência. Esse habitar é constituído de momentos de repouso e de movimento, de lentidões e de acelerações que dão ritmos ao existir do humano que, lançado ao mundo primeiramente pela paisagem, a ela mistura-se para que ele próprio se realize objetivamente e exista. É essa mobilidade, intrínseca ao homem, que nos interessa. Mais precisamente, desejamos pensar o deslocar-se como ato intencional dos modos de ser-e-estar-no-mundo, como ação que expressa geograficidades ao revelar íntimas geografias a partir das formas em que ocorre. Para isso buscamos conceituar e estruturar uma geosofia cartográfica do viajante. Esta se refere à geografia do conhecimento, às geografias informais da experiência de mundo. A proposta de geosofia amplia o conhecimento geográfico para além do conhecimento formal acadêmico, pois considera um saber antepredicativo, produzido na relação ontológica Homem-Terra, que pertence à dimensão da geograficidade. Pensar em geosofia, neste caso, é considerar as curiosidades e os desejos de percorrer paisagens e descobrir lugares – mas também as vontades de permanecer em casa, no lar – é ter em mente a ideia de uma libido geográfica que orienta nossas direções mais profundas e originárias. Essa cartografia seria, portanto, um mapeamento dos deslocamentos pelos espaços geográficos, dos caminhos e das estradas percorridas intencionalmente que têm significado ontológico. Mas quem assim o faz, atentos às paisagens em que se encontram? O viajante, aquele se desloca poeticamente pelo mundo, que cria, descobre, (re) encontra-se. Mais ligado à Terra, escolhe com maior autonomia seus deslocamentos, suas viagens, que são assim, expressões de sua própria existência.

O espaço comestível das Viagens extraordinárias de Jules Verne

Edmar Guirra dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

edmar.guirra@yahoo.com.br

Palavras chave: Jules Verne; Espaço literário; Literatura de viagem; Geofagia.

Jules Verne (1828-1905), nome em torno do qual o mito de “pai da ficção científica” foi construído com a ajuda da crítica e da publicidade de seu tempo, figura na lista dos romancistas mais traduzidos ainda hoje, embora tenha escrito seus romances geográficos em uma época em que eram necessários oitenta dias para se completar a volta ao mundo. Para as famosas “Viagens extraordinárias”, nome do conjunto da sua obra, o autor fazia da descoberta de uma região ou de uma parte do universo uma trama de aventura. Com o objetivo de instruir divertindo e divertir instruindo os jovens burgueses, Verne se vale do tema da viagem para escrever seus romances. Explorando essa fonte temática inesgotável, o autor leva seus leitores a viajar sem sair do lugar e a descobrir o espaço, em todas as acepções do termo. Na sua obra, o espaço será não somente cenário para desenvolvimento das tramas e para a evolução dos heróis, mas também personagem e alimento. Pretende-se, nesta apresentação, mostrar o espaço geográfico das “Viagens extraordinárias” na sua concepção alimentar. Explorando alguns exemplos de sua obra em que o espaço aparece como comida e a paisagem serve para se comer ou beber, justificarei a relação que se pode estabelecer entre geografia e geofagia e apresentarei como os personagens viajantes, “comedores de terra”, podem ser tomados como “geófagos”, para extrapolar o sentido de desordem psicológica que essa palavra traz.

1.2 Metodologias e Projetos

Turismos Inter-literários/culturais em Inglês e Português

Alcinda Pinheiro de Sousa^{1,a} & Maria José Pires^{2,3,b}

¹Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

²Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa

³Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

^a alcindapinheiro@netcabo.pt; ^b maria.pires@eshte.pt

Este projecto enquadra-se no âmbito dos Estudos de Turismo e tem como objectivo investigar a associação de experiências literárias a experiências mais alargadas de tipo cultural e multimédia. Quanto aos Estudos de Turismo Literário e Cultural distinguem-se as matrizes francesa e britânica. Contudo, em Portugal, nas décadas de sessenta e setenta do século XX, distinguia-se também, e já, Fernando de Mello Moser, que trabalhava em turismo desde meados da década de cinquenta. Com efeito, F. Moser (que viria a ser Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a partir de 1973, e o impulsor da fundação do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa cerca de 1982) foi pioneiro na leccionação de cursos intensivos e profissionalizantes de literatura e/ou cultura portuguesas, dirigidos a, nomeadamente, recepcionistas dos organismos centrais e regionais de Turismo e guias-intérpretes. Este precursor dos estudos sistemáticos sobre turismo literário e cultural no nosso país, e que manteve contactos regulares com o Brasil, acreditava na necessidade de a cultura portuguesa ser analisada “numa perspectiva comparativa/contrastiva, especialmente pensada para o diálogo intercultural entre os agentes de recepção (Guias de Turismo, Recepcionistas, Agentes de Viagens) e os visitantes estrangeiros.” (Fernando de Mello Moser 2001: 14) A mesma tese, referente ao carácter intercultural da boa comunicação entre quem recebe e quem visita (hoje estudada em termos do conceito de hospitalidade), tem determinado o processo de investigação que o projecto *Turismos Inter-literários/culturais em Inglês e Português* está a desenvolver.

Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental: balanço de um projecto em curso

Ana Isabel Queiroz & Daniel Alves

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

ai_queiroz@fcsb.unl.pt

O projecto “Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental” (também designado pelo acrónimo LITESCPE.PT) visa ligar a literatura ao território, potenciando a recíproca valorização das obras literárias e das paisagens nelas representadas (<http://paisagensliterarias.ielt.org/>). Pelo seu carácter interdisciplinar, investigadores de diversas formações académicas reuniram-se no final de 2010 para, num esquema colaborativo e cooperativo, alimentar uma base de dados de excertos literários, seleccionados a partir de obras do século XIX até à actualidade. Cada um destes excertos foi georreferenciado e classificado de acordo com descritores de paisagem. Até meados de 2014, este repositório compreendia 6802 registos, dos quais 2764 diziam respeito à cidade de Lisboa.

Este material constituiu a base das pesquisas realizadas até ao momento, e que se traduziram num conjunto de publicações científicas e actividades de divulgação, que sumariamente se apresentam. Discute-se ainda o potencial deste projecto para a investigação em diversas áreas científicas, para actividades pedagógicas e de lazer, para o suporte do turismo literário e para o apoio à decisão em matéria de conservação dos valores da paisagem. São também enumeradas as acções programadas, entre outras, a disponibilização *online* do material recolhido, através de *software* próprio, agora em construção.

Forjar o patrimônio em campo: deslocamentos e missões para ver, recolher e consagrar

Márcia Chuva

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

marciachuva@gmail.com

O objetivo dessa comunicação é analisar as viagens de campo que tem lugar nas missões de pesquisadores ligados a instituições de proteção ao patrimônio cultural. Serão apresentadas duas situações distintas: registros de viagens de trabalho de arquitetos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN na região da Bahia, no Brasil e registros das missões etnográficas do antropólogo português Jorge Dias em África. Pretende-se observar diferentes sentidos (vigiar, conferir, comprovar) e finalidades (registrar, recolher, conhecer etc.) desses deslocamentos e seus efeitos na invenção e proteção de um patrimônio cultural no Brasil e de um acervo etnográfico do Ultramar em Portugal. Em comum essas missões têm a vontade de descobrir um patrimônio em risco de perder-se e protegê-lo da destruição, em diferentes contextos de grandes mudanças e modernização, nos anos 1950-1960, e ambas se caracterizam por serem deslocamentos do centro em direção ao objeto de investigação distante e desconhecido e um retorno ao centro. Analisaremos o complexo lugar desse especialista, seus modos de operar, a rotina de **ver** e **recolher** (registros fotográficos, áudio visuais ou materiais) para fazer existir e **consagrar** coisas ou práticas como patrimônio cultural.

Espacialidade e Temporalidade presentes na narrativa literária

Ideni Terezinha Antonello

Universidade Estadual de Londrina

Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

antonello@uel.br

Palavras-chave: espaço, tempo, literatura, interdisciplinaridade.

Na contemporaneidade vive-se um momento crucial no debate científico em torno da interlocução entre os saberes na busca de mover as demarcações impostas pela ciência moderna ao conhecimento, fruto de um desenvolvimento técnico e científico que fomentou a valorização da especialização do saber em disciplinas. A presente reflexão tem o intuito de buscar atravessar as fronteiras dos saberes ao apresentar como pressuposto da análise a possibilidade de diálogo entre: a Geografia – espacialidade a História - temporalidade e a narrativa literária - literatura, pois se parte da conjectura que a geografia como as demais ciências (disciplinas), poderiam se propor a superar suas próprias limitações, no sentido de ultrapassar a divisão do trabalho científico, com o escopo de obter o desbloqueio dos limites entre as disciplinas na busca de alcançar a interdisciplinaridade. Essa premissa alicerça-se na defesa da potencialidade da apreensão do tempo e do espaço presente na obra literária, pois o texto literário na sua qualidade de verossimilhança da realidade propicia ao olhar geográfico penetrar na dimensão espacial e capturar o contexto espaço-temporal abordado no texto narrativo. A narrativa literária transporta o leitor para a temporalidade na qual se pauta o desenrolar do drama narrativo, possibilitando-lhe inserir-se no tempo e no espaço ali vivenciado, o que pode possibilitar o conhecimento da cultura, da política e da economia da sociedade enfocada. As obras literárias, nessa análise salienta-se as de cunho regionalista brasileiras (Verissimo, Rego, Peregrino Junior, entre outros) são expressão da diversidade e riqueza das regiões brasileiras, o que se transfigura no potencial dessas obras para o conhecimento da espacialidade e temporalidade presente na narrativa literária. O intuito dessa reflexão foi discutir a fecundidade que se encontra no texto literário para promover um salto para um patamar mais elevado do que o enclausurar do conhecimento científico que delimita as fronteiras dos saberes.

Cultura um fator decisivo na decisão de uma mobilidade académica além-fronteira

Anabela Monteiro

Universidade de Coimbra

Instituto Politécnico de Leiria

anabela_monteiro@yahoo.com

Educação, turismo, cultura, serão estes sinónimos ou antónimos? Que relação terá com a mobilidade académica além-fronteira? Qual a aceção concreta de uma mobilidade académica além fronteira? Educação, cultura ou turismo? Ou simplesmente mobilidade académica no seu senso lato aproximando-se mais das especificidades do turismo de educação, do turismo cultural ou de ambas? Neste mundo globalizado é difícil definir conceitos isolados pois todos os elementos que constituem o mundo atual interagem entre si.

O objetivo deste estudo divide-se em duas questões de partida. Por um lado a investigação dos motivos e fatores de decisão que estimulam a realização de uma mobilidade académica europeia e, por outro, a identificação dos padrões e tendências que aproximam a mobilidade académica do turismo educacional e cultural.

Para obtenção dos dados optou-se pela aplicação de inquéritos administrados de forma direta em formato *online*, em inglês e português. Foram administrados 880 inquéritos a 463 estudantes portugueses (*outgoing*) e 417 estudantes estrangeiros (*incoming*), que realizaram uma mobilidade académica inserida no programa Erasmus durante os anos letivos 2009/2010 (2º semestre) e 2010/2011 (1º semestre).

O tratamento dos dados dos inquéritos foi, numa primeira fase, submetido a uma análise estatística descritiva. Numa segunda fase foi efetuada uma análise estatística inferencial com o teste *T Student* (SPSS 19), ferramenta que permitiu verificar se existiam diferenças significativas entre as amostras e assim obtendo resposta às hipóteses colocadas. A estatística comparativa facultou dados que identificaram características semelhantes e diferentes entre grupos (*incoming/outgoing*), de género e relação entre motivos académicos e motivos turísticos. Por último, para identificar padrões de comportamentos, optámos por efetuar uma análise de *clusters* e, dadas as características das variáveis que o nosso estudo comporta, optámos por utilizar o algoritmo *Two Step*.

Os dados provenientes dos estudos empíricos permitiram identificar os motivos e fatores de decisão mais valorizados pelos estudantes aquando da tomada de decisão de realizar uma mobilidade académica. De entre os resultados obtidos destaca-se que a mobilidade académica tem associado à tomada de decisão um motivo principal, mas não único. A decisão é tomada mediante um motivo principal, mas influenciado por uma associação de outros fatores motivadores e decisivos. Outra característica importante, que se destaca, é que a decisão é pessoal, sendo que as particularidades culturais e sociais do habitat em que estudante vive são um fator influente e preponderante na decisão. Esta distinção está patente aquando a aplicação da análise de *clusters*, em que obtivemos três grupos distintos: um primeiro grupo engloba todos os inquiridos que privilegiam atividades ligadas à cultura; um segundo grupo, onde predominam os alunos estrangeiros que realizam uma mobilidade académica em Portugal que procuram ter novas experiências sobretudo a nível pessoal; um terceiro grupo constituído maioritariamente por

alunos portugueses que realizam uma mobilidade académica na Europa, e que procuram um desenvolvimento a nível cultural e académico. Cada grupo tem especificidades que nos permitem distingui-los entre si, identificando os motivos e fatores de decisão de cada um.

A conclusão deste estudo permite identificar que os motivos e fatores de decisão se relacionam, sobretudo, com o segmento do turismo cultural. Existindo no entanto, no grupo dos estudantes portugueses, características que o interligam, também, ao turismo educacional. Esta investigação identifica nas suas linhas gerais que não existe um motivo predominante, mas sim uma associação de indicadores que são a alavanca na tomada de decisão.

Este trabalho teve o apoio dos Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade-COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/IVC-PEC/5049/2012, *Brain Drain And Academic Mobility from Portugal to Europe*, coordenado pelo Investigador Responsável Rui Adelino Machado Gomes.

1.3 Viagem, Turismo e Modernidade

Teoria e Estética da Paisagem em Portugal no século XX

Dirk Michael Hennrich

Fundação Calouste Gulbenkian

Universidade de Lisboa, Centro de Filosofia

Dirk.Hennrich@gmx.ch

Palavras-Chave: Paisagem, Portugal, Teoria, Estética, Séc. XX

A paisagem como fenómeno e conceito central na constituição da modernidade, primeiro como uma designação do território extramural já culturalizado visto a partir das torres da cidade, torna-se, na época das grandes metrópoles, um problema próprio do espaço urbano, pondo questões essenciais sobre a necessidade e a possibilidade de um novo modo de habitar. As megacidades e a transformação pesada do ambiente, ou mais decisivamente, da terra como morada do homem e de todos os outros seres, obriga a repensar o ambiente como paisagem, isto é, como um espaço que inclui sempre uma certa estética, mas também uma ética e uma ecologia do habitar. Trata-se nesta conferência de um excuro breve sobre a formação da filosofia da paisagem em Portugal e de uma arqueologia da teoria e estética da paisagem em Portugal, retracando um discurso inicialmente muito heterogéneo para mostrar como o conceito ganha notoriedade ao longo do século XX para se estabelecer efectivamente no início do século XXI como um dos conceitos-chave nas Humanidades.

Viagem e dialéctica

Maria Orquídea Leite de Faria Borges

Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra
Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

orquideaborges@sapo.pt; orquidea@esec.pt

Segundo Sócrates, a relação com o Outro - na qual se baseia qualquer sociedade - é um produto da acção de reflectir que nos liberta do egocentrismo e nos impele a concebermo-nos numa relação de reciprocidade - Eu e o Outro. Esta dialéctica apela ao exame de consciência com a razão como censor.

O espaço sócio-histórico das Luzes é, em si, dialéctico - a tradição é filtrada por uma ideologia nova ao mesmo tempo que a sociedade recebe vagas de pensamento provenientes das descobertas recentes e dos novos continentes. A variedade do tecido social reenvia ao Homem a imagem dum Outro sempre presente. Não poderemos dissociar a História e os Descobrimentos deste processo intelectual em que o espírito se abre situando o Homem na sua maioridade.

Sapere aude (Tem a coragem de saber). Esta expressão remete-nos a Kant e ao século XVIII, altura em que o Homem toma nas mãos o seu destino e se assume no plural - enquanto homem e enquanto cidadão. *Sapere aude* apela à coragem, qualidade necessária àquele que aceita o desafio da viagem, real ou figurada - as duas interligam-se. A razão é o atributo que se adquire (ou se desenvolve) ao longo deste processo à medida que se aprende a conduzir o destino. É esta aprendizagem que Diderot nos propõe na sua obra polifónica, *Jacques le fataliste et son maître*.

A Viagem Como Experiência Fundadora No Modernismo Brasileiro

Marcus Rogério Tavares Sampaio Salgado

Universidade Federal do Rio de Janeiro

marcussalgado@gmail.com

Palavras-chave: Modernismo; Construção crítica da modernidade; Viagem e experiência.

Resumo: As viagens desempenharam um papel fundamental na configuração e no desenvolvimento estético do Modernismo brasileiro. A começar pela viagem de Oswald de Andrade a Europa, em 1912, responsável por aquilo que Paulo Prado chamou de a descoberta do Brasil na Place de Clichy. Seguem-se a primeira viagem de Raul Bopp pela Amazônia (1921), as viagens do grupo modernista acompanhando o poeta Blaise Cendrars pelas cidades históricas mineiras (1924) e a narrativa de viagem ficcional proposta por Vicente do Rego Monteiro em 1925 no livro de artista *Quelques visages de Paris* (em que a Cidade Luz é vista a partir do “olhar selvagem” de um chefe indígena), culminando em *Os ossos do mundo*, manifestação do livro de viagem sob a ética e a estética antropofágicas conforme proposto por Flávio de Carvalho. O objetivo da presente comunicação é estudar as representações e trajetos que configuram a experiência modernista da viagem.

A paisagem cultural como elemento de leitura na modernidade: os desafios da interpretação em Ouro Preto-Mg

Thiago Eduardo Freitas Bicalho

Universidade Federal de Minas Gerais

thiagoe.bicalho@gmail.com

Palavras-chave: Paisagem Cultural; Patrimônio da Humanidade; Interpretação; Formação humana e profissional.

Pretende-se com este artigo apresentar os desafios no uso da paisagem cultural durante a interpretação patrimonial em Ouro Preto-MG, especialmente, no núcleo histórico considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO. A singularidade do lugar presente na sua característica histórica, na cultura local bem como na sua relação com o ambiente é analisada, numa visão da geografia humanista, para compreender os conceitos de paisagem cultural a serem aplicados nos meios de interpretação possíveis na modernidade. Agrega-se à reflexão, a noção de patrimônio e de interpretação patrimonial na atividade turística. Buscou-se continuamente levantar aspectos históricos, geográficos e literários utilizados como informações básicas na elaboração de roteiros interpretativos por Bacharéis em Turismo (Turismólogos) assim como para a construção de estratégias de interpretação por Guias de Turismo em Minas Gerais. Na modernidade identificamos uma mudança nas relações humanas e, principalmente, nas expressões artísticas e literárias que são transmitidas oralmente no turismo através de diversos temas interpretativos. Com base na pesquisa bibliográfica, nos relatos de viajantes e de guias de turismo, identificou-se fundamentos utilizados na interpretação e, com isso, foi possível propor maneiras de superar os desafios e barreiras através de diretrizes educacionais para projetos de formação humana, teórica e prática direcionado a profissionalização e preparo de atores interpretes do patrimônio.

Lisboa e a Sociedade Propaganda de Portugal – modernizar a cidade pelo turismo (1906-1911)

Pedro Cerdeira

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de História Contemporânea

pedro.cerdeira16@gmail.com

Palavras-chave: Turismo, Sociedade Propaganda de Portugal, Lisboa

Fundada em 1906, a Sociedade Propaganda de Portugal foi uma associação que constituiu o primeiro organismo dedicado à promoção do turismo em Portugal, através de um vasto programa que combinava melhoramentos e propaganda.

Esta comunicação pretende analisar a forma como Lisboa foi incorporada no projecto turístico da SPP, sendo que os planos para a cidade estavam claramente filiados na ambição contemporânea de tornar Lisboa o “cais da Europa”.

Verifica-se, assim, um desdobramento das preocupações para a capital em três áreas: intensificação das ligações marítimas e ferroviárias, reforma dos serviços e urbanismo; tudo de acordo com uma lógica de normalização de um padrão de gosto e qualidade, pensado a partir dos exemplos estrangeiros. A SPP pretendia a modernização do país por via do turismo para o retirar do atraso e a cidade de Lisboa acaba por ser representativa dos projectos da SPP para o conjunto do território nacional. Nesse sentido, analisaremos Lisboa como uma amostra do projecto nacional.

Interessa-nos a perspectiva de análise do turismo enquanto motor da modernização, modernização que deveria ser transversal, ao contemplar os diferentes aspectos enunciados.

Por último, esta comunicação pretende questionar as razões da centralidade de Lisboa no projecto da SPP, motivada pelas características de capital do reino e sede da SPP, mas também indicadora da dificuldade em estender o projecto da SPP ao resto do país.

Partindo da nossa dissertação de mestrado, esta comunicação pretende contribuir para o estudo da história do turismo em Portugal e dos processos de institucionalização do turismo e sua percepção enquanto agente de modernidade nas sociedades contemporâneas.

2. Escrita dos lugares, guias e itinerários turísticos

Diário de viagem e a escrita dos lugares: as impressões/reflexões de Agustina Bessa-Luís em *Breviário do Brasil*

Márcia Manir Miguel Feitosa

Universidade Federal do Maranhão

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

marciamanir@hotmail.com

Palavras-chave: diário de viagem; topofilia; percepção

Fruto de sua viagem ao Brasil em fins de março e início de abril de 1989, com o intuito de integrar o ciclo “Os Portugueses ao encontro da sua História”, promovido pelo Centro Nacional de Cultura, *Breviário do Brasil*, de Agustina Bessa-Luís, publicado pela primeira e única vez em 1991, está longe de constituir mais um livro de viagens de portugueses sobre a terra descoberta, ainda que o propósito tenha sido esse ao cabo do périplo empreendido. Longe também de se configurar como um “breviário”, visto que ultrapassa em muito a concepção de um esboço, sumário ou simples catálogo (“não me entendo com poucas palavras”), o “diário de viagem” de Agustina se configura como um livro de impressões (“Não sei que livro escrevo nem o que esperam dele”) de uma portuguesa de Vila de Meã, Amarante, que cedo conheceu o Brasil por intermédio do pai que para o Rio se mudou aos doze anos de idade e que lá viveu por vinte e cinco anos. O objetivo deste trabalho é tecer uma análise deste gênero híbrido no conjunto da obra da autora com vistas a suscitar suas impressões e reflexões sobre os lugares (re)visitados, inspirados, muitas vezes, em escritores da Literatura Brasileira e, curiosamente, em espaços de sua predileção, vividos, sobretudo, em Portugal. Sob a perspectiva da teoria da percepção da paisagem, de cunho fenomenológico-existencialista, desenvolvida pelos geógrafos humanistas Eric Dardel, em *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (1952) e Yi-Fu Tuan, com seu *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1974), esse estudo se voltará para os meandros da condição humana, sua consciência de mundo e sua natureza, trazidos na bagagem literária de Agustina e prontos para entrar em cena em seu desenho de Brasil.

Viagem, contato entre culturas e marcas identitárias: os paradigmas de ‘formação’ e de “inserção” do Brasil no Mundo Globalizado

Renato Cordeiro Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras

renatocorgomes@gmail.com

Palavras-chave: Brasil; viagem e marcas identitárias; deslocamento; formação. inserção

O tema da viagem – dos relatos do século XVI a narrativas deste início do século XXI – constitui-se um motivo recorrente, reeditado nos mais diversos discursos da Cultura Brasileira, da literatura às mídias contemporâneas. Em tempos de ultrapassamento de fronteiras e de nacionalidades, de globalização econômica e cultural, de transdisciplinaridade, procura-se indagar, nesses discursos, os deslocamentos (espaciais, discursivos, culturais) enquanto elemento de tensão/dramatização de marcas identitárias. Como procedimento de leitura, toma-se, aqui, a viagem enquanto fator de transformação no campo cultural. A par dos trajetos internacionais, destacam-se as rotas empreendidas pelos modernistas brasileiros, em busca da descoberta do Brasil, redimensionadas pela ótica das vanguardas. Ao lado das viagens internacionais de Oswald de Andrade e de Tarsila do Amaral, por exemplo, o contato com a cultura européia através das viagens, pode ser rastreado pela leitura de *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, e pelos relatos de João do Rio. Essas rotas constituem uma primeira matriz para os relatos de viagem; uma segunda matriz diz respeito às viagens para dentro do próprio Brasil, a exemplo da empreendida a Minas Gerais, em 1924, pela caravana dos modernistas paulistas, com Cendrars, e os relatos de Mário de Andrade das viagens etnográficas ao norte e nordeste, recolhidos no volume *O turista aprendiz*. Tais relatos de viagem trazem a marca da idéia de “formação”. Indaga-se, por outro lado, se esse paradigma está, no século XXI, sendo deslocado pelo paradigma da “inserção” do Brasil no mundo globalizado, como sugere Silviano Santiago.

O conceito do pitoresco nas narrativas de viagem no Brasil Oitocentista

Valéria Alves Esteves Lima

Universidade Metodista de Piracicaba

valeria-esteves@uol.com.br

Palavras-chave: Brasil s. XIX; Literatura de Viagem; Iconografia de viagem; Pitoresco

Os relatos de viagens realizadas por estrangeiros no Brasil Oitocentista, juntamente com a iconografia que geralmente as acompanha, influenciaram e estimularam o interesse pelo país. Segundo a natureza destes relatos, fossem eles de caráter mais científico, estético ou pessoal, a curiosidade pelo território e suas gentes adquiria recortes específicos. Assumia, porém, lugar comum na maioria destas narrativas o conceito do *pitoresco*, largamente empregado e teorizado na Europa desde o século XVIII. Inicialmente relacionado às formas de ver e representar a natureza, o termo foi objeto de reflexões emblemáticas, como os textos de William Gilpin e Uvedale Price, que o exploraram no sentido de investigar e compreender a representação da paisagem natural. Com o tempo, no entanto, o termo foi adquirindo contornos mais abrangentes e, ao mesmo tempo, mais precisos: entendia-se por pitoresco uma categoria estética capaz de orientar a percepção e a figuração da realidade como um todo, para além da natureza. Desta forma, também o homem, seus hábitos e costumes, estavam entre os itens que poderiam ser lidos na chave do *pitoresco*.

Esta comunicação propõe-se a investigar a transferência do termo para o contexto brasileiro do século XIX, momento em que a presença de viajantes estrangeiros e a elaboração de representações sobre o país determinaram formas de circular, apreender e desfrutar desse espaço. A literatura de viagem do período emprega e sugere recorrentemente o pitoresco como qualidade do que se observa, enfatizando, sobretudo, a noção de particularidade que lhe está associada. Também a iconografia traduz a singularidade dos espaços oferecidos aos viajantes, bem como dos costumes que particularizam a experiência histórica de seus habitantes. Parte-se do pressuposto que o termo, empregado para identificar as diferenças e particularidades do cenário natural e humano brasileiro, acaba por estabelecer posturas do viajante em relação ao espaço em que circula, podendo definir os interesses e as prioridades que orientam seu percurso pelo território.

2.1 Viagem e paisagem na literatura: representações e trajetos

2.1.1 Representações do Brasil na literatura brasileira

Paisagem e viagem em *As minas de Prata*, de José de Alencar

Rafaela Mendes Mano Sanches

Universidade Estadual de Campinas

rafaelamsanches@gmail.com

Palavras-chave: paisagem; romance histórico; jesuítas; *El Dourado*; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Neste trabalho, propomos analisar as representações da paisagem baiana no romance histórico *As Minas de Prata*, de José de Alencar, a partir de imagens e descrições que particularizam o *Eldorado* brasileiro na fábula das minas de prata, funcionando como elemento atrativo aos europeus. Estudaremos como os traços da crônica colonial e da escrita jesuítica são reapropriados na narrativa alencariana, e acomodados na reinvenção da atmosfera de nobreza da capital da Bahia. José de Alencar reaproveita os olhares dos viajantes como tradutores de um novo mundo e reconstrói os personagens jesuítas como intermediários culturais. A figura do padre Molina, cujo itinerário de trocas culturais entre colônia e União Ibérica é direcionado pelas minas, metaforiza o olhar do viajante. Na obra, a viagem desse padre ao sertão na busca de pedras preciosas permite ligá-lo a esse espaço, caracterizado de diferentes maneiras na narrativa, ora nos alfarrábios dos eclesiásticos, ora na cultura oral do povo baiano. O espaço sertanejo traz o lugar dos mistérios e dos mitos, despertando na imaginação popular imagens deste não-lugar, que parece inacessível. As descrições das minas movimentam qualidades grandiosas da gruta subterrânea, promovendo os desejos de encontrar o *Eldorado*, que se abriga em um local que ainda não foi desbravado. Assim, a fábula serve como ponto atrativo para conseguir colonos, de maneira que ela dá movimento ao trânsito Europa-Brasil. Nesse sentido, a representação da viagem transpõe a mera cruzada do Atlântico, relacionando-se à significação ideológica da obra, ao fazer referência à imagem de um Brasil promissor, que ainda continua a atrair *o outro* na promessa de riqueza. O episódio das pedras preciosas reacende o interesse em torno das grandes descobertas do sertão, visto que, em meados dos

oitocentos, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lança documentos sobre o espaço sertanejo, inclusive, o roteiro da minas também é publicado na revista.

Viagem pela História: Portugal e Grão-Pará e Rio Negro (Brasil) no romance “Lealdade”, de Márcio Souza

Maria Cláudia de Mesquita

Universidade Estadual Paulista-Assis

mariacmesquita@hotmail.com

Palavras-chave: Márcio Souza; Literatura; História; Grão-Pará e Rio Negro; Amazônia.

No romance histórico “Lealdade”, do escritor amazonense brasileiro Márcio Souza, a narrativa apresenta as memórias do protagonista Fernando Simões Correia e sua trajetória pelos territórios portugueses, com destaque para a região da Amazônia brasileira chamada de Grão-Pará e Rio Negro, no século XIX. São descritos também neste romance os acontecimentos da Guerra em Caiena (1808), território francês. As belezas naturais aparecem desfocadas devido à narrativa da guerra, no entanto os espaços brasileiros/portugueses e franceses aparecem ao longo de toda a obra, influenciando o temperamento e as ações dos personagens. O objetivo desta comunicação é apresentar os espaços do “Estado do Grão-Pará e Rio Negro”, região Norte do Brasil, no século XIX, descritos como representação literária e a forma como este espaço contribui para o desenvolvimento da narrativa, além de estimular o turismo cultural em seus leitores.

2.1.2 Olhares estrangeiros sobre Portugal e Brasil

Lord Nugent: entre a literatura, a viagem e o turismo cultural – a defesa dos Direitos Humanos

Isabel Lousada

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

iclousada@gmail.com

A vida de Lord George Nugent Grenville enquanto viajante britânico em Portugal e escritor da obra *Portugal. A Poem. In two Parts* foi motivo de interesse por parte da crítica coeva britânica. Procuramos desta feita dar conta dos aspectos mais emblemáticos da sua passagem por Portugal, passado que foi o duplo centenário da terceira e última invasão francesa, em 1810. O olho clínico de um militar cuja sagacidade se revela no modo como elege e comenta alguns factos da História de Portugal é interpelante e particularmente rico sob os mais distintos pontos de vista. O poeta, o historiador e o viajante convocam leituras e intersecções cuja multiplicidade enriquece o mosaico que construiremos na análise a oferecer.

Beckford e Byron: dois ingleses com a paisagem de Sintra ao fundo

Eduardo Duarte

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes

eduardo.duarte@fba.ul.pt

Palavras-chave: Sintra; William Beckford; Lord Byron

Sintra foi, em grande parte, uma invenção romântica de Lord Byron (1788-1824), aquando da sua curta, mas importante, visita a Portugal, entre os dias 7 e 23 de Julho de 1809.

Personalidade muito sensível, ou não fosse o protótipo do poeta genial romântico, Lord Byron escreveu as suas impressões no célebre *Childe Harold Pilgrimage*. Através de outros testemunhos, sabemos o que Byron fez em Lisboa - nadou no Tejo (foi, aliás, a primeira figura pública a fazê-lo) - e visitou ainda Mafra e Sintra. Finda a sua estada, Lord Byron cavalgou, qual D. Quixote, pelas planícies alentejanas e pela raia até Sevilha, onde continuou a viagem inspirada no *Grand Tour* que o poeta inglês pretendia realizar. Dessa visita ficou, sobretudo, a invenção de Sintra como um dos locais românticos mais importantes do mundo.

Antes de Lord Byron, Sintra havia sido visitada por inúmeros estrangeiros, dos quais se destacou o multimilionário, escritor, antiquário e crítico de arte William Beckford (1760-1844) durante a sua passagem por Portugal em 1787.

Essa descrição, interessantíssima para a história de Portugal, mais concretamente, para o reinado de D. Maria I, é, a vários níveis, estimulante, pelo convite a desenhar Sintra e pelas descrições da natureza, nuvens, névoas e céu.

Nesta comunicação, far-se-á um breve resumo daquilo que os dois ingleses apreciaram em Portugal e, em particular, em Sintra. Finalmente, apresentar-se-á o modo como as suas descrições influenciaram a pintura da paisagem que se iniciou com o quadro *Cinco Artistas em Sintra* (1855), manifesto plástico e pictórico do romantismo português e dos seus criadores. Na verdade, as composições, os temas, a luz, a cor e a atmosfera nas pinturas de paisagem românticas parecem ser transposições pictóricas das descrições poéticas destes dois célebres viajantes ingleses.

Caminhos missionários: escritas de si e da alteridade em “O Diário de Simonton” (1852-1866)

Eliza Feres de Lima Moura

Universidade Federal de Juiz de Fora, Grupo de Educação Tutorial em Turismo

Universidade de Évora

eliza.feres@gmail.com

Palavras-chave: Estrangeiro - Missionário - Diário de Viagem - Protestantismo brasileiro - A. G. Simonton.

A análise de gêneros discursivos por meio dos quais a vida é narrada tem sido objeto de pesquisa que exercem crescente interesse acadêmico. Estes registros são: biografias, memórias, diários, correspondências, entre outros. No presente trabalho, deu-se atenção ao gênero discursivo do *diário*, uma vez que sua fonte primária é a obra “*O Diário de Simonton*”, publicado a primeira vez em 1982. As escritas de Simonton resgatam informações relevantes sobre os aspectos religiosos e sobre a condição de estrangeiro no Brasil Império (1822- 1889), observadas a partir dos registros em que descreve sua experiência de viagem no país. Também é um importante documento de reconstrução histórica sobre o protestantismo no Brasil.

A fim de complementar as abordagens já realizadas dentro das Humanidades com relação a este documento, mas de forma a inová-las sob a perspectiva da teoria literária e do turismo, foram abordados trechos do diário de Simonton que relatam as tensões entre o ser missionário e seu campo de trabalho, utilizando as categorias do historiador Nayan Chanda, como também sua condição de estrangeiro, a partir dos estudos do filósofo Jacques Derrida. Este exercício foi realizado buscando responder: como o diário de Simonton problematiza a tensão entre as vivências de um estrangeiro enquanto missionário e o corpo social que o acolhe em um Brasil do século XIX?

A partir desta análise pode-se compreender como a experiência missionária narrada por Simonton em seu diário de viagem e estadia no Brasil entre 1859 a 1866, articula a tríade lar (terra), língua e morte estudada pelo filósofo francês Derrida ao discorrer sobre a hospitalidade a partir do estrangeiro. Este referencial teórico foi útil na etapa de verificação sobre o medo da morte de um ente querido, marcado pela situação de ausência do viajante do seu local de origem, o contato com o Brasil e com a língua portuguesa.

Lush Territories and Otherness – Glimpses of 19th Century Portugal and Brazil in Anna Brassey's Travel

Bernardo Guido de Vasconcelos

Universidade da Madeira, Centro de Competência de Artes e Humanidades

givascob@uma.pt

Palavras-chave: 19th Century Travel Writing; Otherness, Lisbon, Madeira, Rio de Janeiro

This paper seeks to provide a comparative analysis of how an English author, Anna Brassey, maps the territories she covers and envisions otherness while, among many other places, visiting Portugal (mainland and Madeira) and Brazil (Rio de Janeiro), as portrayed in her travel writings, both in *A Voyage in the Sunbeam, our Home on the Ocean for Eleven Months* (1878), on her 1876-77 circumnavigation voyage, and *In the Trades, the Tropics, and the Roaring Forties* (1885), describing her journey to the Caribbean in 1883.

Filled to the core with impressions of sights, sounds, landscapes and peoples of different latitudes and longitudes, Lady Brassey's works were bestselling books, especially *A Voyage in the Sunbeam*, which was translated into at least five other languages. All had the virtue of 'enabling more home-keeping friends to share in the keen enjoyment of the scenes and adventures' in them described, alongside the general public who yearned for worlds unknown.

Concerning Portugal and Brazil in particular, the author maps territories which were/are tourist attractions in Lisbon and environs, Madeira and Rio de Janeiro, providing twenty-first century readers with vivid glimpses of life and times at these places during the last quarter of the nineteenth-century.

2.1.3 Olhares poéticos sobre o Brasil

Memórias modernistas da cidade: Belo Horizonte nos discursos literários de Carlos Drummond de Andrade

Danielle Alves Lopes^{1,a}, Rita Baleiro^{2,b} & Sílvia Quinteiro^{2,3,c}

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

²Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo

³Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centros de Estudos Comparatistas

^a daniellealveslopes@hotmail.com; ^b rbaleiro@ualg.pt; ^c smoreno@ualg.pt

Palavras-chave: cidade; memória; espaços literários; escrita de lugares.

A dimensão discursiva da cidade traduz, de modo basilar, o resultado de sua dimensão política. À luz desse princípio, a cidade de Belo Horizonte do século XX será analisada neste trabalho, tendo como referência a sua encenação nos discursos poéticos e narrativos de Carlos Drummond de Andrade. Para isso, num primeiro momento, faremos a leitura comparada – e sob a perspectiva memorialista – de crônicas publicadas no jornal *Minas Gerais*, entre 1930 e 1934 e do poema “Triste Horizonte”, de 1976, analisando-os enquanto instrumentos de produção subjetiva do espaço urbano moderno, e enunciados de transformações históricas e cotidianas da capital de Minas Gerais. Os elementos paisagísticos que configuram o *corpus* são, por sua vez, abordados na fricção temporal dos textos, aqui trazidos enquanto imagens e signos que física e simbolicamente ressignificam o espaço citadino. Num segundo momento, veremos de que modo os textos selecionados nos proporcionam uma nova leitura dos lugares neles encenados, constituindo-se mapa e protocolo de leitura de Belo Horizonte. Explicitaremos como os textos criam lentes e camadas, através das quais obtemos um olhar sobre a cidade, uma vez que à realidade se sobrepõem os mapas do passado e do presente evocados pelo poeta, e que a estes se contrapõe o mapa projetado pelo leitor. Assim, e num último momento, aludiremos à possibilidade de criação de itinerários turísticos com base nos textos selecionados, e às características que fazem com que estes possam ser classificados como “literatura de turismo”.

Paisagens de antanho: memórias e percursos de Itabira na poética Drummondiana

Danielle Alves Lopes

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

daniellealveslopes@hotmail.com

Palavras-chave: Itabira; poesia; paisagem; memória; Carlos Drummond de Andrade

A imbricada relação entre o poeta e a cidade é um elemento fundamental no constructo da obra poética de Carlos Drummond de Andrade, seja pelo viés do espelhamento, seja pela tensão. Nos poemas tecidos sobre Itabira, o espaço público interiorano é desnudado por um olhar entre familiar e estrangeiro, que revela, em imagens, as suas formas, percursos e movimentos. Neste trabalho, serão destacadas as paisagens que compõem a cidade encenada, evocadas por lembranças de infância e pela memória sinestésica do eu-lírico. Pretender-se-á, ainda, tecer considerações sobre os processos de mudanças e permanências espaço-temporais, presentes no jogo entre as referências históricogeográficas e o texto literário.

Apontamentos paisagísticos na poesia de Horácio Costa, cidadão de algures

Ana Cristina Joaquim

Universidade de São Paulo

wiquen@gmail.com

Palavras-chave: poesia contemporânea brasileira, paisagem

Trata-se de uma leitura da poética de Horácio Costa (São Paulo, 1954 –), notadamente do poema “Paisagem II” (publicado em plaquete pelo Selo Demônio Negro, em 2009), que busca perceber de que maneira o poeta manifesta a delimitação de seu campo de atuação poética em conjunção com o “trajeto paisagístico”. Além do poema acima referido, convém recorrer a trechos de outros poemas para que se possa evidenciar a recorrência da paisagem como mote poético – intrinsecamente ligada à subjetividade lírica –, fazendo-se possível atentar, em seu projeto de escrita, para uma poética de matizes geográfico/paisagísticos, na qual a intersecção subjetiva opera em vias de estabelecimento de um “poeta cidadão”. Para tanto, abordaremos a noção de “paisagem”, tal como a entende o poeta, considerando-a conforme aparece em seus poemas e em seu livro de ensaios, *Mar Aberto*, publicado pela Lumme Editor, em 2010.

O poeta modernista e o Brasil barroco: Bandeira em viagens

Antônio Donizeti Pires

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Araraquara

Universidade de Brasília Cátedra Archai UNESCO

adpires@fclar.unesp.br

Palavras-chave: Literatura brasileira; Modernismo; Manuel Bandeira; Paisagem barroca; Guias de viagem.

Coerentes com seu projeto ético-estético de repensar criticamente as origens contraditórias do país, os modernistas brasileiros atuaram de modo combativo em relação a valores de formação como colonização e miscigenação; escravidão e imigração; língua e costumes; literatura e arte; cópia modelar e cultura antropofágica. Se, em relação ao Barroco, o século XIX ainda o vê negativamente (a arte e a arquitetura são depreciadas no romance *O seminarista*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1872), o Modernismo a ele dispensou um redimensionamento exemplar, que culminará na criação de órgãos oficiais de preservação do patrimônio artístico-cultural do Brasil e, em termos mais literários, nas reavaliações críticas posteriores de Haroldo de Campos e tantos outros. Assim, as paisagens urbanas e rurais do Barroco brasileiro tomam corpo na caravana paulista de 1924 às cidades históricas de Minas Gerais; na pintura de Guignard; nas pesquisas musicais de Villa-Lobos e Mário de Andrade; nos estudos de Affonso Ávila ou Lourival Gomes Machado. Na literatura, tais paisagens se cristalizam em obras seminais como *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, *Contemplação de Ouro Preto*, de Murilo Mendes, ou *Roteiro lírico de Ouro Preto*, de Afonso Arinos. No caso de Manuel Bandeira (que é o fundamento crítico-analítico deste estudo), sua atenção voltou-se amiúde para os valores e as especificidades de nosso Barroco, levando-o a escrever um *Guia de Ouro Preto* em 1938, por sugestão de Rodrigo M. F. de Andrade, várias crônicas coligidas em *Crônicas da província do Brasil*, bem como poemas diversos, os quais, se não tematizam diretamente a paisagem barroca feita os de Drummond, a ela nos remetem ao evocar, por meio de santas e santos, o catolicismo devocional popular tão típico do Brasil, por certo pejado das contradições barrocas que forjaram a Nação e sua geografia humana e paisagística entre os séculos XVI e XIX.

2.1.4 Olhares poéticos sobre Portugal

Navegações de Sophia de Mello Breyner Andresen: viagem real ou lírica?

Maria da Conceição Oliveira Guimarães

CAPES – Foundation, Ministry of Education of Brazil

mcoguimaraes@gmail.com

Palavras-chave: Sophia, poesia, navegações, viagens paisagens

O relevante papel que o motivo da viagem e do viajante ocupa na obra de autores portugueses finiseculares, bem como de nossa época, está ligado ao apogeu do expansionismo imperialista europeu do séc. XVI. Convém destacar aqui dois tipos de navegantes: aquele viajante enquanto mandatário de um poder que o apoia na cruzada materialista e aquele que protagoniza uma viagem real ou fictícia na atualidade, escolhida pelo seu viés artístico e que, muitas vezes, coincide com os pontos estratégicos visitados por viajantes descobridores de novos mundos. Assim, para se obter uma caracterização temática da viagem real e lírica de Sophia de Mello Breyner Andresen, torna-se necessário evocar um regresso a um passado descobridor enaltecido pelo exotismo da terra e das gentes, bem como um retorno aos seus antepassados, homens que fizeram a história de Portugal, como Camões, D. Sebastião, Bartolomeu Dias, Pero Vaz de Caminha sobre os quais se debruça em seu livro *Navegações* (1983) e relacionar os seus poemas ao motivo das viagens dos descobrimentos. Em primeiro lugar, ao se proceder essa conexão se verifica que a viagem real empreendida por Sophia em 1977 circunscreve-se, em parte, na tradição tipológica dos viajantes reais, pois como ela mesma confessa, escreveu “*Navegações* exatamente porque o Conselho da Revolução, em 1977, me convidou a ir a Macau para tomar parte na celebração do Dia de Camões. Foi o meu primeiro encontro com o Oriente”. Em segundo lugar, confirma-se que como viajante real a autora revisita o espaço geográfico real onde descobridores já haviam estado e que como viajante lírica desvela para o seu leitor o deslumbramento do olhar dos descobridores quando chegaram ao novo mundo através do encantamento de seu olhar na atualidade.

Os Lusíadas – um itinerário contemporâneo

Natasha Felizi

Universidade Federal do Rio de Janeiro

natashaff@gmail.com

Palavras-chave: poesia portuguesa; viagem; descobrimento; aletheia

A comunicação propõe uma leitura d'Os Lusíadas como viagem de descobrimento no sentido proposto por Sophia de Mello Breyner Andresen em 1980, o da *aletheia* ou revelação. Para Sophia, "Camões celebra os homens que buscam a desocultação, o emergir do fenómeno, a escrita da terra". Ou seja, a capacidade de criar, com as palavras, uma paisagem concreta que se pode experienciar através de uma viagem pelo texto. A partir deste pressuposto de concretude da paisagem poética, o trabalho busca traçar um itinerário de leitura contemporâneo para Os Lusíadas, guiado pelo percurso da palavra poética. Com apoio nas reflexões de Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena sobre Luís de Camões e do pensamento de Martin Heidegger sobre a *aletheia* no livro Parmênides, procurar-se-á fazer apontamentos sobre outros modos de ler Os Lusíadas como poema da "viagem de descobrimento".

“como sempre caminhei, dentro de mim”: Al Berto, transumância e topofobia

Leonardo de Barros Sasaki

Universidade de São Paulo

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

leoarrudab@gmail.com

Palavras-chave: Al Berto, poesia contemporânea portuguesa, paisagem, topofobia, medo

O ponto inicial de nossa reflexão é a seguinte afirmação do poeta Al Berto: “caminho como sempre caminhei, dentro de mim – rasgando paisagens, sulcando mares, devorando imagens”. A partir dela, pretendemos demonstrar primeiramente como o espaço se apresenta eminentemente carregado de afetos em sua obra – tal qual na série de poemas dedicados a Lisboa em *Horto de Incêndio*. A seguir, interessa-nos interrogar tanto sobre a relação do sujeito poético com o (trânsito pelo) espaço, nos temas obsedantes da fuga, da transumância e da viagem – seja esta interior ou exterior –, quanto sobre constituição desse sujeito em sua componente do viajante e do estrangeiro, o que não necessariamente nos fala de deslocamentos físicos, mas antes de um lugar de marginalidade. Para tanto, tomaremos de empréstimo as investigações do geógrafo Yi-Fu Tuan – e de demais pensadores a partir dele como Neil Leach e Jean-Louis Cohen –, o que nos permite, por fim, através do binômio *topofilia/topofobia*, articular a discussão proposta a um dos temas estruturantes da obra de Al Berto: o medo.

Habitação, povoamento, Manuel António Pina

Leonardo Gandolfi

Universidade Federal de São Paulo

gandolfi.leonardo@hotmail.com

Palavras-chave: Manuel António Pina; Carlos de Oliveira; Ruy Belo; poesia portuguesa contemporânea; paisagem.

Mobilizar duas imagens que dão a ver, na segunda metade do século XX, paisagens específicas na literatura portuguesa. A primeira imagem, a da *habitação*, que em Ruy Belo aparece como um problema, ou melhor, como “o problema” em “alguns aspectos”: “Não há outro lugar para habitar/ além dessa, talvez nem essa, época do ano/ e uma casa é a coisa mais séria da vida”; ao que se segue: “a alegria é uma casa recém construída”, “a alegria é uma casa demolida” ou então para voltarmos aos títulos: *Despeço-me da terra da alegria*. A segunda imagem, a do *povoamento*, que em Carlos de Oliveira se desenha, entre outros, em *Finisterra*: “a criança, sentada no osso de baleia, tentou também reproduzir a paisagem, sem se empenhar numa cópia excessiva” ou “Lápis alteram as proporções e os tons (demasiado azul, muito vermelho, algum roxo, nenhum amarelo), mas povoaram esta desolação (areia, água, sol ou luar fotográfico)”. Ler então, com a poesia de Manuel António Pina, a construção da paisagem na tensão entre as duas imagens, onde encontramos, por exemplo, “argila e água, lã e sangue, madeira e cal,/ pez, linho, betume, nome, pronome, verbo, advérbio,/ participio, conjunção, preposição, interjeição”. Entre os versos, os limites da representação e da melancolia se esboroam, sendo a literatura duramente questionada a partir de uma de suas maiores fragilidades: “Também a mão é uma árvore/ crescendo para dentro,/ e o desenho o instrumento/ de esclarecimento da paisagem”.

2.1.5 Viagens no séc. XX

“Único livro de um brasileiro sobre Portugal”: crônicas de viagem de João do Rio

Virginia Celia Camilotti

Universidade Metodista de Piracicaba

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

vicamilotti@terra.com.br

Em dezembro de 1908 João do Rio partiu do Brasil para sua primeira viagem à Europa. No roteiro, previamente definido e naquele executado, o literato contrariou o figurino do escritor-viajante da *Belle Époque* brasileira: planejou, antes da incontornável peregrinação a Paris, uma estada curta em Portugal; surpreendeu-se consigo mesmo por lá permanecer durante metade do tempo que programara para toda a viagem. Desta prolongada estada no velho continente resultaria uma série de crônicas de viagens publicadas ao longo de 1909, nos jornais *Gazeta de Notícias* e *A Notícia*, e na *Ilustração Brasileira*. Do conjunto dessas crônicas apenas uma parte muito específica foi reunida em um volume, editado pela Garnier em 1911, intitulado *Portugal d'Agora – Lisboa – Porto – Notas de viagem – Impressões*. Proponho, nesta comunicação, considerar a constituição dessa obra, e, sobretudo, os gestos que a tramaram como uma viagem exclusiva a Portugal, na sua pretensão de alinhar um roteiro particular de sensações no leitor brasileiro de 1911, às voltas com a República brasileira novamente em mãos militares e um acirrado clima antilusitanista; nas palavras de seu autor, como o “único livro de um brasileiro sobre Portugal”.

Brasil, Portugal e o turismo em xeque: olhares de Cecília Meireles nas Crônicas de Viagem

Karla Renata Mendes

Universidade Federal do Paraná

krmendes@yahoo.com.br

Palavras-chave: Cecília Meireles, Crônica, Turismo

Cecília Meireles consagrou-se no panorama literário brasileiro como um dos nomes de maior vulto da poesia nacional, todavia constata-se que cada vez mais leitores, críticos e pesquisadores, descobrem também em Cecília uma exímia cronista. Seus textos, escritos para periódicos entre os anos de 1930 e 1964, começaram a ser publicados somente em 1998 e, assim, passaram a ser conhecidos por um público mais expressivo. Inseridas na obra em prosa ceciliana, encontram-se as chamadas “crônicas de viagem”, fruto dos deslocamentos da autora por aproximadamente 18 países e mais de 60 cidades. Dentre tantos destinos diferentes, um dos que se destaca na história da autora, por suas ligações afetivas, literárias e sentimentais, é Portugal. Tendo realizado três idas ao país, as “crônicas portuguesas” de Cecília Meireles desnudam uma viajante que ia além da primeira impressão e perscrutava os espaços mais recônditos em busca de uma observação “diferenciada”. Seria justamente esse olhar peculiar o que, na opinião da autora, distinguiria as categorias de “turista” e “viajante”. A principal diferença entre ambos seria, segundo ela, o que buscam em cada viagem. Enquanto o primeiro espera desfrutar prazeres de ordem material (um hotel confortável, *souvenirs*, fotografias, compras), o segundo iria em busca de prazeres espirituais (beleza, aprendizado, contemplação). Nesse contexto, a crônica “Por falar em turismo”, publicada em 1956 no jornal *O Estado de São Paulo*, demonstra que, antes de eximir-se de ser chamada “turista”, Cecília Meireles observou e conheceu um pouco da essência desse tipo de viajante. Assim, registram-se algumas impressões que transformam o texto em um pequeno guia sobre o turismo. Além disso, contrapõe-se a acolhida aos visitantes em Portugal e no Brasil, criticando-se alguns pontos negativos no tratamento conferido aos turistas em solo brasileiro.

***O Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles: configurações poéticas na construção do patrimônio imaterial relativo aos garimpeiros do Alto Jequitinhonha, Diamantina, MG, Brasil**

Rodrigo Guimarães

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

rodrigoguima899@gmail.com

Palavras-chave: Romanceiro da Inconfidência; Cecília Meireles; paisagens literárias; identidades garimpeiras; conflitos locais

Este trabalho propõe uma discussão sobre as diferentes vozes subversivas presentes no *Romanceiro da Inconfidência* (1953), de Cecília Meireles, a partir da questão da negritude (Chico Rei, Chica da Silva, Santa Efigênia), de gênero (Isabéis, Dorotéias, Heliodoras), da memória coletiva (dos “fantasmas” concernentes aos negros, poetas árcades e inconfidentes), de personagens anônimos e subalternos com referências míticas ou históricas e, sobretudo, uma circunscrição do *locus* do garimpeiro e de sua comunidade que, nos últimos trezentos anos, acabou por formar uma sociedade culturalmente diferenciada no Alto do Jequitinhonha. Sociedade esta, deve-se ressaltar, que resistiu e ainda resiste aos diversos sistemas imperialistas multifacetados que perpassaram o Brasil colônia e alcançaram os portos da atualidade. O estudo é desenvolvido por meio da análise dos ideais e da dimensão formal da obra épica e lírica em tela, bem como outros ensaios que lidam com os sistemas identitários dos garimpeiros do Alto Jequitinhonha, com vistas a verificar, ainda hoje, os confrontos discursivos (ambientalistas, legalistas, midiáticos, garimpeiros) que tensionam a atual discussão sobre as atividades garimpeiros nos arredores de Diamantina. Dessa forma, são investigadas, considerando o emprego da memória coletiva (LE GOOF: 1996; GUIMARÃES, 2010), algumas personagens do *Romanceiro da Inconfidência* que mobilizam a palavra literária em sua dimensão de desrecalcamento, assim como as evocações líricas da obra referida que circunscrevem, tacitamente, visões de mundo mediante a construção imagética e de ritmos (PAZ, 1984) que perfilam a obra ceciliana e que configuram um rico universo simbólico ainda vigente de interações sociais em que os garimpeiros reagiram e reagem aos discursos estigmatizantes que os circunscrevem, aos embargos e paralisações das atividades garimpeiras e os processos de clandestinidade, ajustes ou negociações com as instâncias municipais, estatais e ambientais.

Ferreira de Castro e as suas crónicas mediterrânicas: Pequenos Mundos do escritor 'vagamundo'

Ana Cristina Carvalho

Universidade Nova de Lisboa, Centro de Estudos de Sociologia (CesNova)

acristinacarvalho22@gmail.com

Palavras-chave: Mediterrâneo, “nomadismo temperamental”, Recursos Naturais, Ecologia Humana

Autor de *A Selva* (1930), romance amazónico que em 1973 a UNESCO incluía na lista dos dez mais lidos do mundo, Ferreira de Castro impôs-se na cena literária mundial, durante os segundo e terceiro quartéis do século XX, como um dos nossos mais consagrados escritores.

Intrépido emigrante quando ainda criança, revelou-se em adulto um empenhado viajante, a ponto de merecer de um seu biógrafo o epíteto “artista vagamundo”. Escreve entre 1937 e 1963 três grandes obras de viagens. *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* (1937) inaugura-lhe essa escrita, seguindo o fascínio pessoal pelos “povos minúsculos” e os “pequenos mundos” geograficamente apartados (pórtico do romance *Terra Fria*, 1934). Inclui, entre outras, as crónicas das viagens pela bacia do Mediterrâneo e pelo Médio Oriente, inicialmente publicadas, por necessidade de subsistência do autor, no periódico *A Noite*, do Rio de Janeiro.

O “nomadismo temperamental” de Ferreira de Castro, expressão que usa em “Aldeia Nativa” (1969), nada tinha de mero intuito turístico, derivando da sua ideologia humanista e do desejo de proximidade física com outras geografias e outras etnias. Particularmente atento às desigualdades e injustiças sociais da sua época, o escritor assinou uma bibliografia de viagens sensível à teia de relações sistémicas que o ser humano estabelece com o ambiente.

Propõe-se uma breve análise comparativa de duas crónicas da Europa mediterrânica de *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações* — a grega Rodes e a francesa Córsega — expondo a representação das especificidades paisagísticas, das matrizes culturais e, sobretudo, das multifacetadas relações que os seres humanos mantinham com esses territórios, nomeadamente com os recursos naturais locais que lhes garantiam a sobrevivência. Basicamente, uma análise do texto literário na perspetiva da chamada “Ecologia Humana”, área científica interdisciplinar que se ocupa das relações entre a Sociosfera e a Ecosfera.

De paisagens e viagens: a crônica de José Saramago

Saulo Gomes Thimóteo

Universidade Federal da Fronteira Sul

Universidade de São Paulo

sthimoteo@gmail.com

Palavras-chave: José Saramago. Picturalidade. Crônica. Paisagem.

José Saramago, em sua obra, efetua continuamente um movimento de ida e volta, isto é, um deslocamento de si para o outro, seja de modo diacrônico, como forma de revisitação evocada do passado (*História do cerco de Lisboa*, *Memorial do convento*, *O ano da morte de Ricardo Reis*), seja de maneira panorâmica, num jogo de captação topográfica (*Viagem a Portugal*, *A jangada de pedra*). Nas crônicas, publicadas ao longo das décadas de 60 e 70, podem-se perceber vertentes que acabariam por desembocar no romancista futuro. Dentre elas, uma que se delineia em textos presentes nos livros de crônicas *Deste mundo e do outro* e *A bagagem do viajante* é a fusão das esferas da paisagem com a viagem. Conforme observado por Maria Alzira Seixo, Saramago se apresenta como um *homo viator*, razão pela qual a absorção do exterior pelo indivíduo e a formulação literária desse diálogo mostram-se como dois polos complementares, que costuram a compreensão de mundo que o autor possui. Somando-se a isso o pensamento de Gaston Bachelard, ou de Michel Collot, pode-se compreender que a escritura cronística saramaguiana, ao proceder à impressão da paisagem circundante, efetua um amálgama do lugar, do olhar e da imagem disso decorrente. À guisa de exemplo, contrapor-se-ão as visões construídas por José Saramago em duas crônicas: "Jardim no inverno" e "Noite de verão", no sentido de refletir sobre a construção pictórica desse autor, nos instantâneos subjetivos que as crônicas revelam.

2.1.6 Do Alentejo para o Mundo

A escrita do Alentejo: sentido/sentidos para uma paisagem

Maria da Glória Alinho dos Santos

Universidade Bordeaux Montaigne, AMERIBER

gloriaalinho@gmail.com

Palavras-chave: Alentejo; espaço de sentido; lugar; paisagem literária; viagem interior.

De maneira a inserir esta comunicação na perspectiva do colóquio internacional e interdisciplinar *Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal*, começaríamos, numa primeira parte, por reflectir na forma como alguns viajantes olharam para o Alentejo. Introduziríamos esta parte através do *olhar* do geógrafo Olivier Balabanian, pois este encerra várias perspectivas e parece conter o paradoxo que faz com que o estudo desta região seja complexo: uma terra, simultaneamente, *desejada e ao abandono* porque difícil de explorar, de trabalhar e de amar. De facto, a emoção entre uma paisagem paralisada – aos olhos da modernidade – e aquela que toca o sonho primitivo de uma relação ancestral entre o homem e a natureza criou emoções contraditórias sobre a paisagem/as paisagens alentejana/s. Este tecido de emoções começou por surgir logo no guia publicado em 1927, cuja organização esteve a cargo de Raul Proença. Outros viajantes, em épocas muito diferentes, como por exemplo, o botânico alemão Heinrich Friedrich Link (1767-1851), o jornalista e escritor Mário Ventura ou escritor José Saramago, na sua travessia por *A grande e ardente terra do Alentejo*, referiram a dificuldade em descrever as emoções ligadas a esta paisagem. Vista, muitas vezes, como uma página branca, como um começo do mundo ou como uma viagem interior, a paisagem alentejana parece ter veiculado emoções muito particulares. Assim, numa segunda parte, analisar-se-ia a forma como o escritor, esse viajante singular, olhou para esta paisagem e a forma como a mostrou. Esse *olhar* parece conjugar a procura de um tempo e de um sentido perdidos da sua própria natureza e da natureza humana. Procurar-se-á encontrar, numa última parte, o que singulariza a escrita desse lugar, ou seja, desse espaço de sentidos que é o Alentejo.

Visão e representação do Oriente por Eça de Queiroz

Maria Cristina Pais Simon

Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

mcpaissimon@yahoo.fr

No século XIX o interesse crescente pelo Oriente levou numerosos escritores a viagens cujos relatos enriqueceram as literaturas ocidentais.

O Egipto, já muito presente nas letras e nas artes do século XVIII, tornou-se, então, um rumo especialmente procurado, principalmente depois da campanha napoleónica que suscitou um autêntico entusiasmo por ruínas, antiguidades faraónicas, mistérios da antiga religião, e pelos hieróglifos ainda não decodificados.

O jovem Eça de Queiroz, apreciador da literatura orientalista, não resistiu à « egiptomania » do seu tempo e viajou para o Oriente em 1869 para assistir à inauguração do Canal de Suez. A sua passagem por Alexandria, pelo Cairo, pela Palestina e pela Síria, bem como as suas impressões de viagem, foram consignadas em simples cadernetas e em folhas soltas que só em 1926 foram publicadas pelos seus filhos com o título *Egipto, Notas de Viagem*.

Além de se sublinhar, obviamente, o proveito literário da viagem de Eça ao Levante, o objectivo desta apresentação é analisar a visão e a representação do Oriente nos parâmetros da estética realista de que o autor será poucos anos depois um dos principais arautos.

A paisagem literária urbana em Aquilino Ribeiro: Lisboa e Paris no início do século XX. Suas representações e trajetos

Aquilino Machado

Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Estudos Geográficos, Grupo de Investigação Dinâmicas e Políticas Urbanas e Regionais (ZOE)

Aquilino.Machado@campus.ul.pt

Palavras-chave: Paisagens literárias; geografia cultural; territórios urbanos; geografia contestatária republicana

A narrativa de alguns escritores reporta-se a determinados territórios sentimentais que servem de base à criação simbólica de cenários, representações e trajetos literários. Na verdade, através da análise de algumas obras literárias descobrimos o ajustamento ficcional entre os lugares narrados e aquilo que na realidade existe.

As experiências conhecidas mostram que entre os observadores informados se estabelece uma forte conexão entre a descrição literária dos sítios e a respetiva realidade concreta. Esta situação é compaginável com um número significativo de organizações espaciais, nomeadamente nos territórios urbanos onde se situam narrativas ficcionais de grande intensidade.

Entre outros exemplos possíveis, os casos de James Joyce em Dublin, Balzac em Paris, ou o poeta Borges em Buenos Aires assumem particular significado neste contexto, já que souberam conjugar uma ideia de representatividade emocional associada à criação de paisagens literárias, e, por via disso, adquirir uma adequada perceção de memória cultural coletiva.

Nesta comunicação abordaremos a paisagem literária de Aquilino Ribeiro nas cidades de Lisboa e de Paris, no princípio do século XX. A narrativa destes dois territórios literários consolidou-se quando o escritor, ainda no decurso da monarquia, viveu a intensidade da geografia contestatária republicana, e por força da cartografia libertária se exilou na cidade de Paris (período reportado entre 1908 e 1914).

Propomos uma leitura que mapeie as duas perspetivas em jogo: uma ficcional, que apela ao imaginário do escritor, e outra que deverá ser lida no contexto de um entendimento da descrição dos sítios e da cidade atual, com tempos e ritmos diferentes daqueles que foram criados e que se ajusta fielmente à geografia dos lugares que lhes servem de cenário.

2.1.7 Andanças pela Europa

A Bretanha pelo olhar do escritor-viajante Guy de Maupassant

Marianna Fernandes de Vasconcellos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

nanavasconcellos@ig.com.br

Palavras-chave: Bretanha, descrição, fantástico, Guy de Maupassant, narrativa de viagem.

No século XIX, a narrativa de viagem enquanto gênero literário foi marcada por certa tensão entre o desejo do escritor-viajante de reconstituir através da escrita a realidade por ele observada e a natureza literária do seu projeto que, não raro, o incitava a privilegiar uma dimensão mítica e pitoresca desta realidade em detrimento de informações mais objetivas. Se até o fim do século XVIII a Bretanha havia sido negligenciada pelos viajantes pela falta de monumentos antigos e por apresentar uma língua notadamente diferente, no fim do século XIX esta região tornou-se o destino escolhido de escritores e pintores como Victor Hugo, Gustave Flaubert, Octave Mirbeau, Henri Matisse e Claude Monet, que nela buscavam um refúgio natural, desprovido das artificialidades de um grande centro urbano como Paris. Reconhecida por sua autêntica topografia e pela aura de mistério dos lugares marcados por construções megalíticas, a Bretanha foi, em 1882, alvo de admiração do escritor naturalista Guy de Maupassant que, logo no início de sua narrativa de viagem publicada na revista francesa *La Nouvelle Revue*, em janeiro de 1884, critica diretamente e de uma maneira geral os guias turísticos, por representarem interesses comerciais e trazerem “descrições odiosas e sempre falsas”. A presente comunicação pretende, portanto, evidenciar como, opondo-se aos guias de viagem, Maupassant destaca em seu texto as descrições paisagísticas e a forte presença do fantástico, a fim de guiar de maneira original o olhar de seus leitores.

«Lá onde nasce o sol nascemos também nós»: Itália e França nos percursos de Ruy Belo

Manáira Aires Athayde

Universidade de Coimbra

mana_aires@hotmail.com

Palavras-chave: Ruy Belo; Itália; França; poesia; intertextualidade

«Todo o meu dinheiro tem sido gasto para comprar livros, ir ao cinema e viajar», escreve Ruy Belo (1933-1978) numa carta em princípio dos anos 1970. Quem conhece a poesia beliana está ciente de que são mesmo alicerçantes os livros, o cinema e as viagens naquele que eu chamo de «poeta da intertextualidade ou da interdiscursividade». Se Portugal é um dos principais motes literários de um Ruy Belo legatário de Pessoa, também é verdade que a sua poesia se abre para a experimentação de *paisagens* estrangeiras. Os sete anos que o poeta residiu em Espanha, de 1971 a 1978, são os mais investigados porque representam mudanças bastante conspícuas em sua poesia exortadas pela residência em Madrid. Contudo, há outros dois países que aparecem de modo transversal a toda a sua obra: a Itália, com a exploração de paisagens e vivências em Roma (onde cursou, de 1956 a 1958, o doutoramento em Direito Canônico na Universidade Gregoriana de Roma), mas também em Milão, Veneza e Florença; e a França, com andanças catalisadas em versos em Paris, Dinard, Saint-Malo e Saint-Michel. Neste percurso, ser-nos-á importante ainda observar, sobretudo pelos ensaios que publicou e por alguma correspondência, a relação estabelecida pelo poeta entre as poesias italiana e francesa de seu interesse e as suas vivências naqueles dois países. Por fim, é preciso que se diga que, assim como José Tolentino Mendonça, «Fiz dos poemas de Ruy Belo uma espécie de mapa. Fui visitar todos os lugares por onde ele andou e que refere nos seus versos», o que torna ainda mais fulgente a temática deste Colóquio para a Comunicação que aqui se pretende.

2.1.8 Relatos de viagem (séc. XVI-XVIII)

A paisagem na construção mítica da Peregrinação de Fernão Mendes Pinto

Stéphanie De Jesus

Universidade Bordeaux-Montaigne

sdejesus@hotmail.fr

O relato de viagem é a forma literária por excelência do exotismo, posto que a viagem implica um encontro com o Outro e é que a apreensão da sua alteridade não é um processo fácil, sendo este apenas possível se houver consciencialização das limitações impostas pelo etnocentrismo do mesmo. Mas nem todos os viajantes que passaram para papel as suas viagens se limitaram a considerações exóticas. Apesar de ter sido escrita no século XVI, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é um exemplo desses relatos que dão a ver ao leitor muito mais do que uma mera compilação de considerações superficiais sobre os países visitados. Ela representa uma testemunha desse período fundamental da História da humanidade que permitiu a emergência do conceito de relativismo cultural abrindo assim progressivamente as portas para a aceitação do outro. Na *Peregrinação* assistimos a um jogo de tensão entre admiração e rejeição face às diferenças culturais do Outro oriental. A viagem de Mendes Pinto é por conseguinte uma viagem entre ódio e admiração, entre aceitação e rejeição. A descrição do Outro enquanto sujeito diferente do mesmo aparece como o objetivo primeiro da *Peregrinação*. Certos aspetos desta descrição das suas diferenças tendem a dar-lhe uma imagem mítica que a aproxima por vezes de uma representação utópica. O que pretenderemos com a nossa comunicação será estudar o papel da paisagem na construção da imagem mítica proporcionada pelo relato de Fernão Mendes Pinto. Tentaremos debater sobre a ideia de Arnaldo Saraiva segundo a qual a paisagem tem nesta obra somente um propósito utilitário. Estudaremos neste intuito episódios da *Peregrinação* que ora se aparentam à reportagem paisagística, ora à reportagem turística.

... P'lo Douro acima com ãs Amigos – outavas do poeta portuense Tomé Tavares

Cidália Dinis

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e
Memória

cidaliadinis@sapo.pt

Palavras-chave: poesia, sátira, Douro, viagem

Filho de uma época de profundas metamorfoses, Tomé Tavares (1570-1634) insere-se nas coordenadas de um espírito barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela 'guilhotina' da sátira viperina e desmedida.

Numa sociedade manchada pela hipocrisia e pelas frivolidades mundanas, a sátira burlesca surge como um sopro regenerador, dando lugar não só a um riso irreverente, muitas vezes de cumplicidade, mas também como fator de libertação mediante um mundo impregnado de valores deturpados.

P'lo Douro acima... é não só o fruto dessa voz irreverente e viperina, como também a narração literária de uma viagem pelas encostas do rio Douro, **única até aos seus dias e a única também até ao século XIX**, quando o Douro (rio e região) do Barão de Forrester e da Ferreirinha ganha foros de ente literário.

Entre a devoção e a recreação. O estatuto e a funcionalidade da viagem na literatura em Portugal (séculos XVI-XVIII)

Paula Almeida Mendes

Universidade do Porto, Faculdade de Letras - CITCEM

paula_almeida@sapo.pt

Palavras-chave: Peregrinações; Devoção; Relíquias; Séculos XVI-XVIII

Partindo da análise de várias obras, editadas em Portugal, entre os séculos XVI-XVIII, que se inscrevem no filão da literatura de espiritualidade e de viagens – desde hagiografias até roteiros de viagem ou relatos de peregrinações – esta comunicação tem como propósito chamar a atenção para locais que, no período referido, eram frequentados e visitados por vários peregrinos e devotos, na medida em que em muitos deles se encontravam relíquias de santos ou estavam relacionados com a operação de milagres, procurando realçar os moldes em que se foi construindo a identidade desses lugares, que, em muitos casos, continuam ainda hoje a ser palco de concorridíssimas peregrinações, estimulando assim uma espécie de «turismo religioso».

2.1.9 Olhares sobre si

Do relato de viagem ao romance regionalista: ficção e realidade na “construção” da Amazônia do século XIX

Nataly Alves Ramos

Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3

nataly.jollant@gmail.com

Palavras-chave: Amazônia, literatura de viagem, romance regionalista

A contribuição da literatura de viagem para a “construção” e a consolidação do imaginário europeu e nacional em torno da Amazônia no século XIX é inegável. De fato, os relatos de viagem produziram nessa temporalidade matéria substancial que serviu tanto aos interesses geopolíticos estrangeiros quanto às aspirações nacionalistas de alguns literatos que tomaram a região como fonte de inspiração. A literatura produzida pelos exploradores e viajantes reproduzia, geralmente, representações que oscilavam entre o paraíso perdido e o “inferno verde”. Nesse contexto, os relatos de viagem Henri Coudreau (1859-1899) veicularam na Europa, mas também no Brasil, representações da Amazônia distantes da realidade, ao serviço que estavam de um projeto de construção simbólica. Essas representações encontraram eco na obra de certos escritores da “Literatura do Norte” como é o caso de Inglês de Sousa (1853-1918). Esta comunicação tem o objetivo de analisar em que medida a literatura de viagem forneceu matéria para a criação do imaginário europeu sobre a Amazônia e de que maneira os escritores brasileiros se apropriaram dessas imagens para construir uma visão “própria” da região.

Lieux et Création poétique: demeures privilégiées en France

Gloria Melgarejo Granada

Saint Cloud State University, Minnesota

mgmelgarejo@stcloudstate.edu

Au cours de mes recherches en littérature française du 19ème et 20ème siècles, j'ai fait la visite de quelques sites du patrimoine français qui font partie aussi du patrimoine de la littérature universel. Dans ma communication, je propose de présenter quelques itinéraires en France au cours desquels le rapport entre œuvres, villes et paysage joue un rôle important dans la production littéraire des poètes comme Stéphane Mallarmé et Philippe Jaccottet, parmi d'autres. La célèbre maison-musée de Mallarmé au bord de Seine est l'un de ces sites inoubliables dans le contexte de la vie du poète symboliste et la ville de Grignan où Jaccottet trouve son refuge poétique, en Provence, avec des images de carte postale qui nous transportent du présent au passé avec la même nostalgie propre des lieux privilégiés. Le «lieu» et «la demeure» sont fondamentaux dans l'œuvre de Jaccottet. Ces voyages culturelles et littéraires permettent une compréhension plus exacte des rapports existants entre la vie quotidienne de l'auteur, la maison, l'environnement et l'intérêt du point de vue culturel et touristique de ces deux régions.

Um passeio nocturno, em Lisboa, na companhia de D. Rámon...

Maria Mota Almeida^{1,a} & Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira^{1,2,b}

¹Instituto História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa

²Associação de Imagem Portuguesa

^a mariamotal@gmail.com; ^b mail@luisbranquinho.net

Palavras chave: Turismo literário, Turismo cultural, Identidade cultural, Branquinho da Fonseca, Lisboa.

O presente artigo insere-se num estudo mais abrangente que visa estreitar a relação entre turismo e a obra literária de António José Branquinho da Fonseca, complementada com um 'olhar' contemporâneo. A viagem, que a literatura proporciona, é um meio privilegiado da apreensão do local nas suas manifestações de tempo, espaço, dos valores simbólicos, das vivências de uma comunidade, da(s) leitura(s) das paisagens mediadas pelos personagens, da comparação de acontecimentos, patrimónios, maneiras de ser e estar de uma época anterior, com a actual. A experiência sensível do contacto do autor com os locais permite imergir na identidade cultural do destino, despertando o interesse em conhecer os locais históricos vividos pelos personagens ficcionais. Deste modo, partiu-se do conto 'A Tragédia de D. Ramón', inserido na colectânea *Caminhos Magnéticos*, publicado em 1938, para propor um itinerário pelos diferentes patrimónios que compõem 'uma zona' de Lisboa (da Rua da Madalena, passando pelo elevador de Santa Justa, Travessa da Queimada e terminando na Doca da Alfândega), abordada pelo autor, reinterpretado pelo olhar fotográfico e actual do seu neto, Luís Branquinho da Fonseca Soares de Oliveira.

O crescente aproveitamento da memória literária, na perspectiva de uma inovadora oferta turística, contribui para perpetuar e divulgar os "lugares de memória" (Nora, 1984) literária. Os 'lugares de memória' não são um destino como os outros, pois não existem por si próprios, mas sim filtrados por um olhar particular, de quem se lembra, lutando contra o esquecimento, de quem conhece, de quem investiga, de quem operacionaliza, e, por este motivo, podem ser mais facilmente 'manipulados' e, quiçá, 'idolatrados'. A pedagogia de viagem que lhe está inerente, deve ajudar a subtraí-los desta perigosa inevitabilidade conciliando o passado, mais nostálgico, com o presente, vivo e atuante, entendendo estes locais, outrossim, como 'lugares de vida'. Ora, é esta ideia de 'lugares de memória' como 'lugares de vida' que se pretende perpetuar com a associação entre as duas gerações – avô e neto – para uma leitura actual do espaço eternizado na obra, entre milhares de outras possibilidades que serão, permanentemente, (re)construídas pelo visitante, tornando cada visita única e irrepetível, nesta apropriação de uma imagem e de uma identidade cultural.

Contar uma história da cidade: o caso do livro “Na luz branca de Lisboa”

Ana Paula Figueira^{1,2,a} & Victor Figueira^{1,b}

¹Instituto Politécnico de Beja

²Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

^aapf@ipbeja.pt; ^bvictorfigueira@ipbeja.pt

Palavras-chave: cidades, literatura, turismo

O espaço geográfico, resultado da interacção do homem com o meio, integra entre outras, uma dimensão simbólica. Esta, reporta a uma obra colectiva, consequência de uma amálgama de significados que dá corpo a uma realidade específica e lhe confere a sua identidade. Neste sentido, as cidades são espaços de vivências individuais, plurais e conjuntas que, com o passar do tempo, se tornam recordação e/ou memória.

Numa obra literária, mais ou menos ficcionada, as cidades podem ser muito mais do que apenas o lugar onde decorre a acção: podem ser personagens, com vida própria, condicionando os encontros entre os sentimentos experienciados no passado e no presente podendo, assim, determinar o evoluir da trama e do enredo. Neste sentido, ao revelar as tradições e os modos de vida das cidades a literatura reforça a identidade das mesmas e alimenta o imaginário das pessoas.

Pelo seu lado o turismo, na busca de matéria que lhe permita a criação de atracções, de produtos turísticos e das suas respectivas imagens, recorre ao uso deste espaço simbólico, deste imaginário e destas memórias.

À luz de todas estas ideias iremos procurar fazer uma análise e uma reflexão a propósito da forma como é contada uma história da cidade de Lisboa num livro editado já em 2014, intitulado “Na luz branca de Lisboa”, e assinado também por um dos autores deste artigo.

2.2 Itinerários turísticos: dos livros de viagens aos guias atuais

Os jardins na paisagem turística da cidade de Lisboa: uma leitura através dos guias

Diogo Fonseca^{1,a} & Carlos Cardoso Ferreira^{1,b}

¹Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Estudos Geográficos, Núcleo de Investigação Turismo, Cultura e Território (TERRITUR)

^a f.fonseca@campus.ul.pt; ^b carlosferreira@campus.ul.pt

Palavras-Chave: Lisboa; espaços-verdes/jardins; turismo; urbanismo; planeamento.

A cidade enquanto espaço, por excelência, do estilo de vida urbano tem sofrido a partir do início do século XX profundas alterações, que têm como subjacente a necessidade de responder, de forma tão eficaz quanto possível, às necessidades mais urgentes dos seus habitantes. Esta resposta advém, de certa forma, da capacidade e urgência que o Homem tem de modificar e adaptar a si os vários ambientes que compõem a cidade e, destes últimos, os espaços verdes (EV), e em particular os jardins, têm tido um papel de destaque no que respeita à organização e planeamento urbano.

A concepção dos jardins e parques remonta, essencialmente, a um período anterior à revolução industrial. Nesta altura, a existência destes EV estava associada a uma preocupação estética, sendo na sua quase totalidade propriedade de particulares. Só mais tarde as questões higienistas, urbanísticas e ambientais deram origem a novos EV em meio urbano, de acesso público, proporcionando assim aos seus residentes espaços de lazer e recreio.

Os EV assumem-se, hoje em dia, como uma mais-valia para o turismo e, em especial, o turismo urbano. Considerado um nicho de mercado, o turismo de jardins tem tido um crescimento muito significativo nos últimos tempos.

A análise de diversos guias turísticos publicados desde o século XIX até aos dias de hoje permite-nos fazer um retrato da evolução urbana da cidade de Lisboa bem como da importância dos jardins no turismo da cidade, que teve o seu primeiro jardim público inaugurado por volta de 1773 – O Passeio Público. Procuramos desta forma demonstrar a importância que os espaços verdes, em especial os jardins, assumem no planeamento urbano das cidades, tendo como caso de estudo Lisboa e como material de investigação os guias turísticos da cidade.

Guidebook Portugal: the cultural politics of tourist representation

Maria João Cordeiro

Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de Comunicação e Cultura

Instituto Politécnico de Beja

mjcordeiro@hotmail.com

Keywords: tourism, cultural representations, guidebooks, Portugal

Travel and tourist literature in general and guidebooks in particular play a crucial role in the construction of the tourist gaze, moulding their readers' expectations, fantasies and perception mechanisms. Making use of familiar interpretation constructs, and well-known cultural models, guidebooks function as mediators, providing solutions for appropriating otherness. They define and label tourist sites as exotic, authentic, true or untouched, promoting and disseminating powerfully prevailing discourses on identity and alterity.

This paper focuses on a sample of Portugal guidebooks, ranging from the late 1990s to contemporary examples. It critically analysis and deconstructs guidebook gazes on Portugal, pinning down their cultural politics of tourist representation. In addition, the paper will attempt at outlining the evolution of the country's tourist discourse over approx. the last 30 years, a time frame crucially rich in far-reaching transformations not only in the tourism phenomenon itself, but also in the guidebook genre.

As desventuras do viajante: o abandono de Gaetano Osculati

Brigitte Thierion

Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

brigitte.thierion@free.fr

Essa comunicação esclarecerá aspectos do processo de construção do conhecimento sobre a Amazônia e as modalidades de sua representação através da análise de documentos oriundos do fundo Ferdinand Denis, como os relativos à figura do viajante italiano Gaetano Osculati que, após haver descoberto o rio Napo, desceu o Amazonas até o Atlântico entre 1846 e 1848. A partir de referências e de notas inéditas de Denis, a comunicação fará emergir uma genealogia possível do trabalho que Denis escreveu em parceria com Chauvin: *Les Vrais Robinsons : naufrages, solitude, voyages* (1863)¹.

¹ DENIS Ferdinand, CHAUVIN, Victor. *Les Vrais Robinsons : naufrages, solitude, voyages*. Paris : Librairie du "Magasin pittoresque", 1863, p. 283-302.

Representações sociais no mundo luso-brasileiro: as viagens científicas nos séculos XVIII e XIX

Paulo de Assunção

Universidade São Judas Tadeu

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

assuncao@prestonet.com.br

Palavras-chave: expedições científicas, arte, sociedade, história

O progresso científico da Europa foi paulatinamente construído a partir do movimento de deslocamento humano por diversas partes do mundo. Muitos naturalistas e cientistas empreenderam expedições que visavam a identificar e descobrir novas culturas, bem como espécies animais e vegetais em diversas partes do mundo. Além do interesse antropológico, estava em processo a construção de um novo modelo de pensamento científico que rompia com velhos paradigmas. As terras brasileiras foram um dos destinos desses viajantes que, num longo processo de interações, contribuíram para construir o conhecimento científico dos séculos XVIII e XIX. No período imperial há uma política de incentivo às expedições científicas, visando ao reconhecimento do vasto território, a fim de se identificar os recursos naturais que pudessem ser explorados. Os relatos descrevem de forma precisa as etapas da viagem, almejando capturar todos os detalhes da dinâmica do mundo natural e da sociedade luso-brasileira. O objetivo dos viajantes, além de registrar as paisagens e regiões visitadas, era capturar as informações necessárias para atender às exigências metodológicas da construção do saber científico e compreender a dinâmica da sociedade dos trópicos. O artigo visa a discorrer sobre como se processou a política de favorecimento das expedições científicas, bem como ocorreu a compreensão da dinâmica da sociedade que existia nos trópicos. Será destacado como, por meio das pesquisas científicas, as terras brasileiras poderiam ser vistas de forma positiva, chamando a atenção dos estudiosos de todo o mundo para sua fauna e flora no decorrer do século XIX.

As descrições turísticas de Macau e Cantão na segunda metade do século XIX: do lugar de fronteira ao ideal da cidade cosmopolita

Frédéric Vidal

Instituto Universitário de Lisboa, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CIA-IUL)

frederic.vidal@iscte.pt

Palavras-chave: lugar turístico; espaço urbano; sociabilidade; Macau; Cantão

Nas últimas décadas do século XIX, a figura do turista torna-se uma presença mais habitual nas ruas de Cantão e Macau. As correspondências e os relatos de viagem, redigidos a partir do final dos anos 1850 dão conta da transformação das intenções e das experiências dos viajantes nestas duas cidades do sul da China. No meio dos comentários gerais sobre os pequenos acontecimentos da vida quotidiana e as heranças da presença ocidental, surgem relatos mais detalhados das emoções ou entusiasmos suscitados pelas excursões e os contatos com um mundo chinês, às vezes idealizado. A partir dos anos 1870, alguns visitantes assumem mais diretamente um « olhar turístico » (John Urry) e situam claramente a sua experiência de viagem na continuidade das práticas turísticas que se têm difundindo na Europa e na América do Norte desde o final dos anos 1830. Os primeiros guias turísticos de Cantão e Macau vêm reforçar a ideia de transformação das representações deste território de fronteira, que era até então visto como uma simples zona de contatos e intercâmbios comerciais entre a China e o Ocidente, em lugares urbanos, inseridos num circuito turístico internacional e que está a adquirir uma dimensão cosmopolítica.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma reflexão geral sobre os primórdios do processo de transformação de Macau e Cantão em lugares turísticos. O estudo é conduzido a partir da análise dos conteúdos dos guias de língua inglesa publicados até ao início do século XX e de alguns relatos de viajantes portugueses (C. J. Caldeira, 1852-1853) ou ingleses (Mrs. Gray, 1880). Pretende-se esboçar um primeiro questionamento em torno da transformação da descrição e dos usos dos espaços públicos (ruas, mercados, lojas) que testemunham das dinâmicas de representação de Macau e Cantão, como lugares de turismo e de lazer.

Guias e Guias Disfarçados do Bussaco (Portugal, séculos XIX-XX)

Isilda Leitão

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

isilda.leitao@eshte.pt

O *Deserto* dos Carmelitas Descalços do *Bussaco*, a partir da abertura da sua cerca (1834) a visitantes laicos, torna-se um pólo de atracção turística.

Com esta comunicação, pretendemos realçar algumas das obras que contribuíram para lançar, a partir desse momento, uma imagem mítica sobre este lugar, quer a nível nacional quer internacional, algumas delas anteriores ao *Guia Histórico do Viajante do Bussaco (com gravuras)*, que o erudito Augusto Mendes Simões de Castro publica, pela primeira vez, em 1875.

Para além do conteúdo, comum às obras seleccionadas, seja as do século XIX seja as do XX, são os sentimentos de grande apreço e o tipo de linguagem literária que os seus autores utilizam, que ultrapassa em larga medida a função meramente denotativa, típica deste tipo de obras.

2.3 Modos de viajar e experiências de viagem

Duas viagens, duas temporalidades: “Viagem ao Araguaia” e “Encantos do Oeste” (General Couto de Magalhães [1863] e Agenor Couto de Magalhães [1945])

Marcia Regina Capelari Naxara

Universidade Estadual Paulista, Departamento de História | Franca

mrnaxara@uol.com.br

Palavras-chave: Araguaia; Couto de Magalhães; viagem; paisagem; sertão.

Tomo por material de análise duas viagens distanciadas no tempo em aproximadamente 70 anos. Da primeira resulta o relato *Viagem ao Araguaia*, do General Couto de Magalhães, produzido em 1863, a partir de exploração que objetivava aumentar o conhecimento sobre o sertão brasileiro, pontuado por um projeto civilizacional de integração da região ao país. Da segunda resulta a publicação *Encantos do Oeste*, de autoria de Agenor Couto de Magalhães, sobrinho do General, que, partindo de São Paulo, procurou recompor a trajetória de viagem do tio, por meio de primoroso registro fotográfico dos caminhos percorridos, contribuindo para conferir visualidade ao anteriormente descrito; as imagens – de lugares e gentes características às regiões visitadas – são precedidas por uma introdução histórica que enfatiza e elogia a ação bandeirante na formação do Brasil, bem como salienta o contraste entre o urbano/civilizado e o(s) sertão(ões)/natureza. Os dois relatos, que possibilitam aproximar texto e imagem alimentaram, de forma consistente, tanto o conhecimento como a imaginação sobre as regiões centrais do Brasil, estimulando os leitores em seus variados interesses: curiosidade, conhecimento, fruição e lazer.

Urbano Tavares Rodrigues: uma cultura da viagem

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos

mcpinheiro@ilch.uminho.pt

Palavras-chave: Rodrigues (Urbano T.); viagem; Estudos Culturais

As viagens, reveladoras de fenómenos de alteridade na construção da imagem do Outro, ocupam um lugar privilegiado no âmbito dos Estudos Culturais.

No conjunto da produção literária de Urbano Tavares Rodrigues, as viagens desempenham uma função primordial. Desde cedo presentes na obra do escritor com *Santiago de Compostela* (1949), elas acompanham toda a sua carreira literária.

Os propósitos da comunicação são: 1º) explicitar o sentido de “alteridade” presente nos relatos de viagens de Urbano Tavares Rodrigues; 2º) identificar os valores culturais associados às viagens do escritor na Europa, em África, no Oriente e nos Estados Unidos, através de uma análise dos relatos *Jornadas na Europa*, *Agosto no Cairo*, *Jornadas no Oriente* e *De Florença a Nova Iorque*; 3º) demonstrar que as narrativas de viagens de Urbano Tavares Rodrigues não se confinam à representação estereotipada do turista, mas correspondem ao sentido do viajante de “olhar mordaz” e “percepção de predador”, inconformado com representações empobrecedoras do Outro e da sua cultura.

“If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see.”: Encenação e autenticidade e a prática turística

Sílvia Quinteiro^{1,a} & Rita Baleiro^{1,b}

¹Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo

^a smoreno@ualg.pt; ^b rbaleiro@ualg.pt

Palavras-chave: Jamaica Kincaid; *Small Place*; turismo; encenação; autêntico.

Neste artigo, analisamos o livro *Small Place* (1988), de Jamaica Kincaid, um texto no qual a mescla de relato autobiográfico e de narrativa ficcionada comunica, claramente, os sentimentos de quem nasceu e viveu num dos principais destinos turísticos das Caraíbas: a ilha de Antígua. A partir do mote lançado pela primeira frase do texto de Kincaid: “If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see.”, neste estudo, focamo-nos na oposição entre aquilo que um destino turístico escolhe revelar aos turistas que o visitam, muitas vezes, fabricando uma encenação de vulgarização e de artifício (Cohen, 1988), e aquilo que permanece longe do olhar dos visitantes. Paralelamente, analisamos alguns dos padrões de comportamento, frequentemente, adotados por turistas quando se deslocam a um destino “exótico” e distante, como é o caso de Antígua. Esta análise permite-nos observar que, com frequência, a prática turística é, também, uma alavanca que propulsa, no turista, quer o abandono do papel desempenhado quotidianamente, o que lhe permite atuar de modo distinto daquele que lhe é habitual (Urry, 2002), quer o adormecimento da consciência que lhe permite acreditar nas encenações que lhe são oferecidas e não questionar a realidade do destino turístico, num momento em que a primazia é dada ao entretenimento e ao prazer. Neste sentido, exploramos, ainda, a ideia de que, com frequência, não é apenas o turista que se transforma, mas também o anfitrião que se metamorfoseia de modo a disfarçar a verdade dos seus sentimentos mais negativos em relação ao turista.

As representações da viagem e do turismo pelos produtores de narrativas de viagem: os puros e duros, os profissionais e os viajantes turistas

Graça Joaquim

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

A comunicação apresenta e discute alguns resultados de uma investigação mais ampla – Os Viajantes e o Turismo: Narrativas, Modos de Vida e Representações Sociais-, centrando-se nos testemunhos dos seguintes produtores de narrativas de viagem: Amílcar Correia, Ana Isabel Mineiro, Filipe Morato Gomes, Francisco Silva, Gonçalo Cadilhe, Humberto Lopes, José Tavares, Luis Maio, Miguel Sousa Tavares, Tiago Salazar e Nuno Lobito.

No contexto desta comunicação trabalharemos apenas os produtores de narrativas de viagem e as suas representações sobre a viagem e o turismo, categorizados como os Puros e Duros, os Profissionais e os Viajantes Turistas pela relação que se encontra entre representações, trajectórias e práticas.

Trata-se de uma viagem, contada pelos próprios, e trabalhada no contexto das autenticidades objectiva, simbólica e existencial, onde o Eu, o Outro e a Aventura marcam o espectro da viagem e do turismo, do olhar romântico à desdiferenciação.

Leitura geográfica das Viagens na Terra Alheia. De Paris a Madrid de Teixeira de Vasconcelos (1863): Espaços vividos e espaços ficcionados

Sara Cerqueira Pascoal

IELT (FCSH-UNL) e CEI (ISCAP, IPP)

spascoal@iscap.ipp.pt; sara.cerqueira.pascoal@gmail.com

Palavras-chave: Narrativa de viagens, Geografia literária, Cartografia literária, Espaço Vivido, Espaço terceiro

Impressas em Lisboa por F. Gonçalves Lopes, em 1863, *As Viagens na Terra Alheia. De Paris a Madrid* de António Augusto Teixeira de Vasconcelos tinham sido já publicadas, num conjunto de folhetins, no jornal *Comércio do Porto* e também no *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro. A viagem que Teixeira de Vasconcelos efetua entre Paris e Madrid, em 1862, após cinco anos de uma vida fausta e glamorosa de frequentador dos círculos literários e aristocráticos mais célebres da capital francesa, é narrada neste relato de viagens. Em nota preambular, não se coíbe o autor de apontar as inúmeras viagens que, na sua estada por terras alheias, foi efetuando, que o levariam a terras alemãs, inglesas ou espanholas, e que justificariam o título, sendo esta a primeira de um conjunto de narrativas de viagem que nunca se concretizariam.

A abordagem a este relato torna imperativo sublinhar aquele que nos parece ser o seu mais relevante aspeto, o facto de a viagem se realizar geograficamente em sentido inverso ao da maioria das narrativas de viagens oitocentistas. Com efeito, a viagem tem como ponto de partida uma cidade estrangeira, Paris, imagem do mundo moderno, civilizado e cosmopolita, e termina em Madrid. Acompanhar o itinerário de viagem de Teixeira de Vasconcelos é acompanhar o confronto de alguém que se habituou a uma cultura estrangeira, com a cultura nacional, num processo de estranhamento e posterior incorporação das ideias novas colhidas nesse confronto. Ora, a análise desta narrativa, para além de dar conta desse turismo cultural, em plena expansão, também nos demonstra o peculiar e particular gosto do autor pelas viagens. Na verdade, as *Viagens na Terra Alheia* são o relato de um jornalista que prova ser capaz de “medir o mundo”, no sentido em que não se compraz em apenas copiar o que outros já relataram, mas se envolve numa verdadeira relação com o espaço vivido, desenvolvendo um trabalho que poderíamos qualificar de índole corográfica.

Este estudo pretende convocar uma leitura multifocal deste relato de viagens, partindo de um levantamento toponímico e das principais características da paisagem para cartografar o espaço vivido que será, posteriormente cruzado com o espaço ficcionado, o espaço forjado literariamente, pela rememoração de autores e convocação de textos fundadores do género. Esta leitura fará sobrepujar aquilo que Edward Soja designa por *espaço terceiro*, um espaço onde “(...) everything comes together... subjectivity and objectivity, the abstract and the concrete, the real and the imagined, the knowable and the unimaginable, the repetitive and the differential, structure and agency, mind and body, consciousness and the unconscious, the disciplined and the transdisciplinary, everyday life and unending history.” (SOJA, 1996: 56).

Viajar no Egito do século XIX: as experiências de Maxime du Camp, Eça de Queirós e D. Pedro II

Luís Manuel de Araújo

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

luisaraujo@fl.ul.pt

Pretende-se comparar as vivências de três diferentes personalidades do século XIX que viajaram pelo Egito na segunda metade do século XIX e que de lá trouxeram relatos e documentos acerca do que viram e sentiram. O francês Maxime du Camp registou a sua experiência em forma de texto mas também em fotografia, o nosso escritor Eça de Queirós deixou o esboço de um livro que só foi publicado postumamente, e o imperador D. Pedro II do Brasil legou-nos sobretudo várias fotografias dos locais onde esteve. Nos três famosos viajantes há algo em comum: a simpatia que demonstram pelo povo que então habitava as úberes margens do Nilo e uma emocionante admiração pelos monumentos da civilização egípcia.

On the Road – the travel in the Beat style

Anna Wyrwik

Jagiellonian University, Department of Anthropology of Literature and Cultural Studies

anna.wyrwik@gmail.com

Keywords: Beat Generation, Jack Kerouac, literature road, counterculture, United States of America

Jack Kerouac was one of the most popular representatives of Beat Generation, the literary movement, which existed in United States of America after the Second World War. His novel "On the Road" has become the manifesto of this movement and one of the most important literary foundation of the Counter-Cultural Revolution of the 1960th. This title is one of the most famous of a literature road. There are three reasons, why it is worth paying attention to the story. First of all it is a novel-manifesto of generation, which decided to protest against social order, rules and norms prevailing in American society after the Second World War. "On the Road" shows us the main ideas of Beat protest. Secondly the book was written in a non-standard way – Jack Kerouac wrote it in his own literary style, which he called *Spontaneous Bop Prosody*. Thirdly and most importantly this is story about travel. About the real travel – in tramp manner, by hitchhiking or stolen car, about crazy and spontaneous travel, which style will have many imitators in next years. However, this is the story about the metaphorical travel too. There is also travel as a sense of freedom, which is a paramount idea of all rebels, as search of a way of living, liberation in moving, necessity to feel the space and contact with the nature, which is very characteristic for the American literature. The aim of the paper is to present these three aspects of "On the Road", which come together in the sentence written by Kerouac: *We were all delighted, we all realized we were leaving confusion and nonsense behind and performing our one and noble function of the time, move.*

3. Património, identidade e desenvolvimento local

Patrimônio Turístico do Estado do Maranhão-Brasil: da singularidade dos cenários naturais à padronização dos processos culturais

António Cordeiro Feitosa

Universidade Federal do Maranhão, Departamento de Geociências
Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

acfeitos@gmail.com

Palavras-chave: patrimônio turístico, cenários ambientais, motivos culturais, Estado do Maranhão – Brasil.

A ampliação do conceito de patrimônio para incluir bens de uso coletivo, como os recursos naturais e bens culturais cuja aquisição e acessibilidade independem de condições previamente estabelecidas, incorporou à discussão e análise desses elementos e manifestações as abordagens científica e do senso comum, nas escalas: global, nacional, regional e local. Localizado na região Nordeste do Brasil, mas com extensas áreas de características da Amazônia e da região Centro-Oeste do país, o Estado do Maranhão é detentor de significativa diversidade de sistemas ambientais, com ecossistemas de caatinga, cerrado, dunas, florestas, manguezais e praias, dotados de grande biodiversidade além de áreas urbanas de grande interesse turístico. Neste estudo serão colocadas em relevo as características particulares do patrimônio turístico do Maranhão, com enfoque nos cenários ambientais e culturais. Referidos cenários, historicamente detentores de elevado potencial turístico, somente nas últimas décadas foram contemplados com a implementação de importantes políticas públicas orientadas para o desenvolvimento e valorização do turismo ambiental e cultural, com destaque para os cenários dos Lençóis Maranhenses e da cidade de São Luís, capital do Estado, com motivação cultural apoiada na arquitetura colonial, onde se encontra o maior conjunto de azulejos portugueses fora de Portugal, e no folclore de matriz multicultural em que se concilia a herança indígena, portuguesa e africana.

O Centro Histórico de Évora como Património Mundial da UNESCO. Argumentos de uma candidatura

Maria Ana Bernardo

Universidade de Évora, Departamento de História, Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades

mab@uevora.pt

Passadas quase três décadas após a Unesco ter reconhecido o Centro Histórico de Évora como Património Mundial são ainda relativamente escassos os estudos que permitem a análise histórica do processo.

Assim, é nosso intuito contribuir para um primeiro patamar de fixação da memória destacando os seguintes aspectos: cronologia e faseamento do processo de levou à formalização da candidatura, identificação das entidades nacionais e internacionais envolvidas e argumentos de legitimação do projeto.

A narrativa tem como base o corpus documental constituído pelas notícias sobre o tema publicadas na imprensa local e nacional entre 1981 e 1986. A especificidade da nossa análise decorre do facto de as informações difundidas pelos periódicos serem, em simultâneo, testemunho e parte integrante da estratégia que tinha em vista o sucesso da candidatura. Por um lado constituem um acervo documental incontornável para a investigação histórica sobre o tema. Por outro lado são parte integrante do mesmo, dado que o fluxo de informações disponibilizado na imprensa correspondeu, de forma evidente, a uma ação de promoção do projeto junto da opinião pública.

Deste modo, a regular e sistemática atividade de divulgação desenvolvida pelo município eborense no que diz respeito às medidas de recuperação do centro histórico e à sua valorização em termos patrimoniais permite-nos acompanhar, de forma detalhada, os aspetos nucleares da argumentação de legitimação do processo.

Ele começou por ser apresentado na imprensa como um projeto de recuperação de edifícios degradados situados intramuros, com vista à melhoria das condições de vida das populações, e culminou na consagração do Centro Histórico da Cidade de Évora como Património Mundial da UNESCO. A notável atualidade, em termos de discurso patrimonial, dos argumentos difundidos na imprensa, assim como as orientações de políticas urbanas definidas pelos promotores municipais, fazem da candidatura de Évora um caso de estudo que importa conhecer.

Viagens e viajantes: um mundo global à procura de singularidades

Norberto Nuno Pinto dos Santos

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território

norgeo@ci.uc.pt

Palavras-chave: Viagens de lazer, identidade, marketing territorial, experiência turística.

Na atualidade os lugares, de forma consciente ou tacita, são integrados numa perceção global. Esta integração depende em muito da presença de elementos patrimoniais - materiais culturais e naturais e intangíveis -, acontecimentos, eventos, acidentes ou catástrofes. Esta informação privilegiada, muito dependente de meios tecnológicos em rede, associada à compressão espaço-temporal e estimulada pela atração pelo movimento espacial, transformam a viagem, por motivos não profissionais, numa procura constante por parte de uma população específica predominantemente residente no mundo urbano desenvolvido e com estilos de vida com desafoço económico, níveis culturais significativos e habilitações literárias acima da média.

Sendo possível identificar a literatura como motivadora de viagens e criadora de viajantes e desejo de partida, assume-se a importância da divulgação, da promoção e do marketing territorial como elementos que contribuem para a definição de destinos de visita, de tipologias de turistas e de processos de desenvolvimento, ancorados na identidade, na singularidade, na experiência e na criação de produtos e atrações com base em recursos endógenos. Assume-se que apenas aqueles que vivem os territórios podem dar conta das suas características, não apenas pelas referências simbólicas, de pendor visual, mas pelas referências de vivência de proximidade, onde todos os sentidos são exaltados.

Utilizando todos os pressupostos atrás sublinhados utilizar-se-ão alguns exemplos de literaturas de viagens que contribuem para o crescimento de um dos factos mais extraordinários do nosso tempo: o turismo. Neste pressuposto serão valorizados elementos associados ao reconhecimento de patrimónios mundiais; a gastronomia como património promotor de viagens e expressão de culturas identitárias; a viagem como responsável pelo aumento da tolerância entre povos e pessoas; e os relatos de viagem como elemento de marketing territorial, tanto em suporte papel como em suporte digital.

Travels through Forts of Portuguese origin: approaches to heritage and interpretation in the Arabian Peninsula

João Sarmiento

Universidade do Minho, Departamento de Geografia
Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos

Keywords: Forts, Tourism, Heritage, Arabian Peninsula, Bahrain

In their colonial endeavours, the Portuguese have built, under various spatial and temporal contexts, a network of Forts in Africa, South America and Asia, which can be understood as an *archipelago of empire*. Their size, architectural style, robustness varied, and their role and engagement with local and regional forces dictated different fates. Many have simply disappeared leaving no trace, others are now mere ruins, and others still were transformed into buildings with various functions, such as hotels or museums. Globally some (14) of these forts were classified by UNESCO as World Heritage, intersecting with tourism, heritage and imaginary in multiple ways. The interpretation of these heritage sites varies tremendously, in connection to who controls the forts and their meanings. This paper provides an overview of Fortifications of Portuguese origin in the Arabian Peninsula, and after briefly looking at three fortifications in Oman, and one in Bahrain, it proposes to make a more detailed travel to Qal'at Al Bahrain Fort in Manama, Bahrain. Presently a UNESCO World Heritage Site, the Fort lies at the heart of a larger archaeological complex which includes a museum and interpretation site, and is an ideal place to reflect upon the connections between tourism, heritage and interpretation in the context of heritage of Portuguese origin located around the world.

3.1 Património e itinerâncias turísticas

O papel da história e os valores simbólicos no itinerário do Cangaço Eco Parque, em Poço Redondo - Sergipe – Nordeste do Brasil

Lílian de Lins Wanderley^{1,a}, Hortência de Abreu Gonçalves^{2,b} & Carmen L. N. do Amaral Costa^{3,c}

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade Tiradentes, Faculdade Estácio de Sergipe, Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe

³Universidade de Aveiro

^a lilianwanderley@uol.com.br; ^b ensino.pesquisa@yahoo.com.br; ^c carmen.costa@ua.pt

O 'Cangaço Eco Parque', localizado no município de Poço Redondo, Estado de Sergipe, Nordeste do Brasil, às margens do Rio São Francisco e em meio à paisagem da Caatinga, oferece aos visitantes várias alternativas de lazer e cultura, sustentadas no ecoturismo, arvorismo e turismo histórico-cultural, percorrendo-se a denominada 'Rota do Cangaço' e trilha direcionada à 'Grotta do Angico'. A 'Rota do Cangaço' refaz o itinerário percorrido no começo do século XX pelo bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, marido de Maria Bonita e líder dos demais cangaceiros desbravadores da região, culturalmente investidos ora como bandoleiros ora como heróis justiceiros do Sertão Nordestino. Após batalhas sucessivas com a força policial do Governo, repressora do movimento do Cangaço, os remanescentes do bando, incluindo o casal Lampião-Maria Bonita, foram mortos a tiros em 28 de julho de 1938 na Grotta do Angico, tornando-se legendários da região e, por fim, de todo o país. Durante o transcurso fluvial via Catamarã e trilha terrestre ecológica até a Grotta do Angico, os participantes visualizam formações rochosas, ilhas e praias fluviais em meio ao sertão semiárido e comunidades ribeirinhas. Objetivou-se identificar o papel da história e da geografia na cultura visual e material, representada pelos valores simbólicos ambientais e sociais de reconstituição da Rota do Cangaço no Cangaço Eco Parque. Utilizou-se pesquisa bibliográfica e documental com ênfase qualitativa, associada ao método de análise de conteúdo e pesquisa direta no campo. Constatou-se que o Cangaço Eco Parque promoveu oportunidades de acesso ao conhecimento da História do Cangaço, em Sergipe, diretamente no palco da História. Concluiu-se que a historiografia assumiu uma perspectiva cultural diferenciada, respaldada em itinerários turísticos, permitindo a abertura de novas rotas de acesso ao Sertão, bem como a revitalização das já existentes, favorecidas pelos atributos locais de beleza cênica e pelo entendimento do fato histórico localmente observado. Concluiu-se que os significados culturais e materiais do Cangaço Eco Parque interagem inúmeras representações mentais e reações subjetivas, associadas à reconstrução do fato histórico e sua representatividade turística local.

À Beira Sal Plantada – Rota da Salicórnia

Guida da Silva Cândido

Câmara Municipal da Figueira da Foz, Divisão de Cultura

guida.silva.candido@gmail.com; arqfoto@cm-figfoz.pt

Palavras – Chave: salicórnia, cultura, património, turismo, *gourmet*

A História da Figueira da Foz está incontornavelmente ligada ao mar e ao sal. A geometria do território é marcada pelo salgado, denominados *jardins de sal* que se estendem em redor do estuário do Mondego. A singularidade da tipologia e tecnologia aplicada na produção de sal, com especificidades que não se verificam noutras regiões salineiras do país e Europa, desperta a vontade de ressuscitar esta técnica artesanal num território privilegiado.

Com o século XXI nasce o Núcleo Museológico do Sal (NMS), integrado numa salina, conjunto de equipamentos que permite a manutenção da salicultura e simultaneamente oferece atividades de turismo, lazer, produção de conhecimento e experimentação.

Com parceiros motivados para a exploração do sal, não se descarta a novidade e singularidade de outros produtos a ele associados e descobre-se a salicórnia. Conhecida como sal verde ou espargos do mar, é uma erva halófita, altamente tolerante ao sal, que cresce nas salinas. As suas características únicas potenciam-na como um produto *gourmet* com implementação na gastronomia e cosmética. Vislumbra-se a possibilidade de criar ao redor da salicórnia uma rota turística e gastronómica em associação com o NMS e produtores locais já sensibilizados para a planta que noutros pontos da Europa, nomeadamente em França e na Grécia, está absolutamente instituída. Propõem-se «Destinos ... a descobrir»: conjunto de programas|itinerários|circuitos aplicados à Rota da Salicórnia, com programações anuais e sazonais, com oferta turística transversal, ao nível dos produtos e dos públicos, procurando responder aos visitantes que querem descobrir a salicórnia no seu contexto natural, bem como ao turista que assoma ao concelho na expectativa de complementar essa descoberta com outras opções de lazer e cultura. Têm ao seu dispor um conjunto de ofertas que se apresentam organizadas em três categorias distintas mas complementares: Turismo de natureza e lazer; Turismo cultural e Património e Turismo Gastronómico.

Na pegada dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste: uma proposta de rally cultural

Natália Albino Pires

Escola Superior de Educação de Coimbra

Universidade Nova de Lisboa, do Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, Instituto de Estudos
de Literatura Tradicional

npires@esec.pt

Palavras-chave: Turismo Cultural; Turismo Criativo; Lendas; D. Pedro e D. Inês; Região Oeste

Um dos mitos mais importantes da cultura portuguesa diz respeito à história de amor e desamor entre D. Pedro e D. Inês de Castro e às suas repercussões políticas, tendo sido, desde então, o seu fatídico amor cantado na literatura nacional e europeia. Parte integrante do imaginário coletivo português, o mito foi reescrito na literatura autoral e, simultaneamente, reelaborado na literatura tradicional, principalmente no género lenda.

Assim, tendo por base a importância do fundo lendário para a estruturação do imaginário coletivo de uma determinada região e tendo em conta que no concelho da Lourinhã foram recolhidas lendas que narram os encontros do par amoroso em diversas localidades, apresentaremos uma proposta de percurso turístico, no âmbito do turismo cultural e do turismo criativo, que visa seguir, através de um rally, as pegadas dos amores de Pedro e Inês pela Região Oeste, especialmente no concelho da Lourinhã e nos concelhos limítrofes (Peniche e Óbidos).

Do Circuito Turístico à Viagem Literária: Óbidos, Alcobaça, Nazaré, Batalha, Fátima

Isilda Leitão^a & Vitor Ambrósio^b

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

^a isilda.leitao@eshte.pt; ^b vitor.ambrosio@eshte.pt

Nos países do Sul da Europa, os circuitos turísticos são acompanhados, geralmente, por Guias-intérpretes oficiais que obtêm a sua licenciatura em Instituições do Ensino Superior. Os currícula destes cursos privilegiam os conhecimentos ao nível das línguas estrangeiras, História, História de Arte e Geografia. Também a Cultura faz parte dos saberes, mas não propriamente enfocada na Literatura (embora esta seja mencionada como parte integrante da identidade nacional).

Porquanto concordemos, em termos gerais, com o teor dos currícula destes cursos, acreditamos que um circuito turístico possa ir para além da transmissão de informação sobre os lugares. A leitura de trechos literários de autores consagrados (escritos sobre os lugares incluídos num determinado circuito) podem transportar os turistas para um mundo diferente – o descrito com sensibilidade única dum escritor.

O caso de estudo (desta comunicação) será o circuito de dia inteiro que engloba a visita de cinco localidades, com partida e regresso a Lisboa (Portugal): Óbidos (vila medieval); Mosteiro de Alcobaça (complexo monacal da Ordem de Cister e Património da Humanidade); Nazaré (vila piscatória); Mosteiro da Batalha (complexo monacal da Ordem de São Domingos e Património da Humanidade); Fátima (santuário mariano). Para ilustrar cada um dos lugares, foram escolhidos textos de autores como: José Saramago, Miguel Torga, Raul Brandão, Alexandre Herculano ou Antero Figueiredo.

Quer na comunicação, quer no artigo, demonstraremos que é possível fazer um casamento feliz entre as informações turísticas standardizadas e a leitura de trechos literários, potenciando, desta forma, o maravilhoso dos lugares e a literatura nacional.

Rotas do Gharb Al-Andalus – itinerários literários e místicos

Natália Maria Lopes Nunes

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

nlunes@hotmail.com

Palavras-chave: Gharb al-Andalus, legado islâmico, viagens, rotas, Ibn ‘Arabī.

Com esta comunicação, pretende-se mostrar a importância do acto de viajar na civilização arábico-muçulmana durante a Idade Média. Geógrafos, literatos, poetas, filósofos e sufis, entre outros, viajaram por diversas paragens. Em peregrinação ou em busca de conhecimento, as viagens tornaram-se uma das formas de diálogo entre as diferentes civilizações, culturas e religiões. De entre os diversos viajantes muçulmanos, destaca-se o místico sufi Ibn ‘Arabī. As suas viagens, no espaço do al-Andalus, ou em outras paragens mais longínquas, nomeadamente para a Tunísia, Egipto e Síria, contribuíram para a difusão do Sufismo, para a aproximação das religiões e para o diálogo entre o Oriente e o Ocidente.

A partir da obra *Risālat al-Quds (Epístola da Santidade)*, Ibn ‘Arabī apresenta alguns dos seus mestres, nomeadamente os que nasceram no Gharb al-Andalus. Neste sentido, e na sequência do nosso plano de trabalho de pós-doc, traçámos alguns itinerários que se inserem naquilo a que chamamos Rotas do Gharb al-Andalus, através dos quais procuramos divulgar e valorizar o património árabe e islâmico subjacente no legado literário e místico do Gharb al-Andalus. Por outro lado, articulando com o restante património do período muçulmano nas cidades onde nasceram os mestres de Ibn ‘Arabī, pretendemos ainda contribuir para a divulgação e preservação desse património, no âmbito do desenvolvimento local.

Guia Turístico de Santo António de/por Lisboa

Isabel Dâmaso Santos

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

isabeldamaso@vodafone.pt

A figura de Santo António ocupa um lugar muito especial no imaginário colectivo e constitui um caso extraordinário de projecção internacional. A veneração que Santo António suscitou ainda em vida deu lugar a um complexo processo de formação, difusão e renovação de um culto que chegaria a todas as partes do mundo, e que perdura até à actualidade. É justamente nesta dimensão universal que envolve o fenómeno antoniano que se enquadra a configuração de Santo António enquanto produto turístico capaz de cativar multidões, potencialidade pouco aproveitada em Lisboa. Propõe-se, então, um guia turístico-cultural em torno de espaços que remetem para a vida de Santo António em Lisboa. Trata-se de um roteiro que procura reconstituir o percurso biográfico do santo e as suas vivências nos bairros típicos, através de espaços museológicos, monumentais e outros, à medida que explora aspectos culturais inerentes a estes lugares carregados de significado histórico, artístico, arquitectónico e identitário.

Património literário português e o Fado: Sua valorização turística na cidade de Lisboa

Cláudia H. N. Henriques

Universidade do Algarve

chenri@ualg.pt

Palavras-chave: Turismo, Fado, Lisboa, poemas, itinerários

A cidade de Lisboa e seus bairros históricos têm a sua tradição e identidade culturais associadas ao Fado, o qual tem suscitado um interesse crescente por parte dos turistas, nomeadamente após a sua classificação como património imaterial da humanidade.

Neste contexto, o presente paper tem como objetivo averiguar de que modo através da relação entre o fado e o património literário poético português se pode propiciar, ao turista de Lisboa, uma experiência memorável.

Segue-se a sugestão de itinerários apoiados não só nos designados elementos internos ao texto – os poemas “cantados” por fadistas de renome, mas também nos elementos externos (materiais e imateriais), com vista a propiciar um maior “sentimento” e “proximidade” face a Lisboa.

3.2 Paisagens e experiências turísticas

O pólo turístico de Xingó, na Região Semiárida de Sergipe e Alagoas, no Nordeste do Brasil

Lílian de Lins Wanderley^{1,a}, Hortência de Abreu Gonçalves^{2,b} & Carmen L. N. do Amaral Costa^{3,c}

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade Tiradentes, Faculdade Estácio de Sergipe, Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe

³Universidade de Aveiro

^a lilianwanderley@uol.com.br; ^b ensino.pesquisa@yahoo.com.br; ^c carmen.costa@ua.pt

Palavras-chave: Pólo turístico de Xingó; turismo de natureza; Nordeste do Brasil; Estado de Sergipe.

Este trabalho aborda um espaço turístico singular de crescimento turístico acelerado na região semiárida do Nordeste do Brasil, onde a construção de uma hidrelétrica requereu a escavação de canyons em rochas cristalinas e formou o Lago de Xingó, no leito do rio São Francisco, entre os Estados de Sergipe, Alagoas e Bahia, em 1992. Nesse trecho específico do rio São Francisco, nos municípios de Canindé de São Francisco (SE) e Piranhas (AL), esse pólo turístico reverteu em 19 anos a estagnação econômica e social dessa região. Navegação no Lago, percursos em helicóptero, esportes de aventura, procissões de São Francisco de Assis e visitas ao Museu Arqueológico de Xingó são dinamizados pela navegação em dez catamarãs, no Lago de Xingó, entre canyons, escarpas rochosas, vegetação de Caatinga e espelho de águas translúcidas. O interesse dos visitantes (170.000 em 2013) é a paisagem natural, os episódios históricos e culturais do “Cangaço”, a arquitetura colonial da cidade de Piranhas, bares, restaurantes e cerca de mil leitos em hotéis e pousadas. Os centros emissores diretos são Aracaju, capital de Sergipe, e Maceió, capital de Alagoas, de onde chegam ônibus, vans e automóveis com turistas de mais de vinte empresas e operadoras nacionais. A produção do espaço turístico sustentado pelo fluxo de visitantes aqueceu a economia dos dois municípios, ensejou a valorização da paisagem e a transformação das relações sociais, cadeias produtivas associadas que extrapolam do interior para as capitais, à organização de novos produtos turísticos, aos investimentos e manutenção de inteligências no turismo para a articulação em instâncias de governança, e à organização e valorização do patrimônio material e imaterial em Canindé de São Francisco- SE e em Piranhas –AL. Dados secundários quantitativos e primários quantitativos e qualitativos, entrevistas com a clientela, agentes de viagem e setores públicos foram a base dessa pesquisa.

Video storytelling - a challenging tool in cultural and agritourism communication

Maria Alexandra de Araújo Viegas Abreu Ferreira Lima

National Institute of Agrarian and Veterinary Research, Min. of Agriculture and Sea, INIAV, I.P

alexandra.abreu@iniav.pt; alexandra.a.abreu@gmail.com

Keywords: storytelling, video, Agri-tourism

*«Tourism innovations are difficult to establish but at the same time relatively easy to imitate
(Deville, 2006; Hjalager, 2002)(cit. Weidenfeld et al. , 2010)*

Acknowledge and description of landscapes in terms of its natural and cultural resources is an old enterprise. Throughout past centuries several efforts to share these data to whole society were conducted by several actors, through different strategies and pathways. Nowadays, mobile imaging and digital storytelling support a growing practice of multimedia communication in the West (Frohlich, et al., 2009: 1761) which is paving a challenging way in tourism communication.

Based on a previous experience of a non-profit short video production (untitled 'Caper: an underutilized plant', Lima and Ramalho, 2014), a set of practical details about scriptwriting will be discussed which can be useful for future short video production storytelling projects within tourism and Agritainment, considered by Mitchell and Turner (2010) as «A New Crop for Farmers».

Within this context, present data for known and established oenotourism cases (e.g. wineries that encouraged people to stomp grapes) will be briefly reviewed to envision challenges concerning video storytelling about underutilized plants/botanical resources with value for Literature, Travel and Cultural Tourism.

References

- Frohlich, et al. (2009). StoryBank: Mobile Digital Storytelling in a Development Context. CHI 2009 Proceedings, April 4–9, 2009, Boston, Massachusetts, USA.
- Lima, M. Alexandra A.; Ramalho, Jorge (2014). Storytelling through videos – a case study about caper (*Capparis spinosa* L.), an underutilized drought tolerant plant. Proceedings of International Conference Cinema - Art, Technology, Communication, pp: 1127-32. Avanca, 23-27 July 2014.
- Mitchell, M.; Turner, G. (2010). Agri-tainment: A New Crop for Farmers. Journal of Food Products Marketing, 16:373–385.
- Weidenfeld, A. et al. (2010). Knowledge transfer and innovation among attractions. Annals of Tourism Research, Vol. 37, No. 3, pp. 604–626.

Turismo e nobilitação urbana no centro histórico de Lisboa

Catarina Leal

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

catarinaleal@gmail.com

Palavras-chave: nobilitação urbana; antropologia do turismo, estudos urbanos

No contexto europeu de revalorização dos centros históricos das cidades, Lisboa parece também adotar estratégias que visam desenvolver o potencial económico da sua cidade interior. No entanto, enquanto no resto da Europa se opta por estratégias de nobilitação urbana que visam deslocar a elite cultural local para os centros históricos da cidade, de forma a revalorizá-los, Lisboa parece apostar na importação de uma elite cultural internacional para desenvolver esse processo de nobilitação. Como tal, no coração de Lisboa, prolifera uma indústria turística cada vez mais especializada, que se vai apropriando do espaço urbano, contribuindo para a transformação da paisagem social e humana da cidade.

Em particular nos bairros da Graça, Alfama e Mouraria, a indústria do turismo tem galgado terreno e parece apropriar-se da imagem dos bairros, recriando estes espaços como universos autênticos, como aldeias urbanas de um passado nostálgico e de charme ou mesmo como áreas de uma multiculturalidade ordeira e higienizada.

No entanto, esta forma de desenvolver a indústria do turismo no interior da cidade de Lisboa pode ter seu reverso: quanto tempo irão resistir estes bairros carismáticos se mercantilizados e engolidos pela indústria do turismo?

O novo paradigma de consumo turístico e do fenómeno gentrificação: a resposta com recurso à *street art*

Rita Miranda

Universidade de Lisboa, Faculdade Letras da, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

ritamsmiranda@gmail.com

Palavras-chave: gentrificação; autenticidade; sociedade 3.0; *graffiti*; turismo.

É através do incremento da globalização e do alargamento da rede de *networking* que assistimos ao emergir de uma nova sociedade, a 3.0. Esse acontecimento tem como origem o uso de tecnologias de informação e comunicação como também de plataformas móveis que nos fazem permanecer ligados 24horas/7dias ao resto do mundo. É na sociedade 3.0 que surge o comportamento de consumo 3.0. Este consumo é efetuado por um indivíduo mais consciente da responsabilidade para com a terra e para com o outro, tornando-se num consumidor cada vez mais exigente e com necessidades/desejos de novas experiências ou vivências (cf. Kotler, Kartajaya, Setiawan: 2011).

É para responder a este novo paradigma que os países principalmente da U.E. têm vindo a efetuar um investimento na massa crítica cultural e criativa. Esta massa tem desenvolvido projetos com base na inovação levando à gentrificação¹ de zonas consideradas devolutas. É com base no processo de gentrificação que o recurso à *street art* - mais concretamente ao *graffiti* - tem sido frequente. Este atual método, para além de atenuar a questão da violação do património histórico-cultural e paisagístico português, tem também contribuído para uma maior consciencialização dos problemas com que vivemos atualmente mas também para uma maior sensibilização ao espírito crítico tanto de quem produz - emissor - como de quem visualiza - receptor/leitor.

Por ser uma forma de comunicação visual tem um impacto eficaz/eficiente na exploração de estímulos - medo, fantasia, mitologia, fetichismo (cf. Cowie, Freud, Hall, Urry) - do turista. É, portanto, um método inovador e criativo utilizado pela comunidade local para comunicar com os seus visitantes.

Turismo Virtual

Vanessa Tavira^a & Vitor Ambrósio^b

Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

^a vanessatavira@gmail.com; ^b vitor.ambrosio@eshte.pt

Vivemos numa sociedade onde o ritmo a que se dá a evolução é muito veloz, e a busca pela diferença, inovação e criatividade está cada vez mais em voga. Comunicar não basta, é necessário criar um conjunto de estratégias comunicacionais e aliá-las a outros setores, de forma a ser constituído um produto e/ou serviço que se destaque da concorrência.

As tecnologias vieram auxiliar a vida dos seres humanos, mas com esta evolução veio também um sentido de alerta para a concorrência. O mundo está no digital, e atualmente estamos em qualquer parte do mundo apenas com um clique. É imperativo que o mercado, em especial o mercado turístico, se adapte e encare o mundo digital como uma mais-valia.

Aliando o turismo e tecnologia surge no mercado um novo produto turístico, um nicho de mercado, o turismo virtual. Existem alguns constrangimentos à atividade de viajar, estes poderão ser de índole financeira, falta de tempo, deficiência física ou psicológica, mas também fobias. O turismo virtual surge então como resposta a esses obstáculos. Aqui as pessoas viajam por quase todos os pontos do mundo, sem gastar dinheiro e sem saírem do conforto de suas casas. Outra solução passa pela criação de aplicações de turismo virtual em *websites*, museus e parques temáticos, combinando numa simbiose perfeita entre o real e o virtual. Os estímulos sensoriais devem ser usados como trunfo, e a componente humana nunca deve ser esquecida.

Um exemplo português onde a simbiose entre todas as componentes é conseguida é no World Of Discoveries, situado na cidade do Porto. Inaugurado em 2014, assume-se quer como um museu interativo, quer como um parque temático. Assim, compreendemos que é da experiência, do novo e do invulgar que surge o turismo virtual. É também o novo turista, ávido por novas sensações, que mais o procura.

3.3 Património e desenvolvimento

História, narrativas de viajantes, paisagens urbanas e turismo cultural

José Newton Coelho Meneses

Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de História

jnmeneses@uol.com.br; jnmeneses@gmail.com

A comunicação objetiva refletir sobre a interface história-turismo cultural, tomando como objeto as narrativas de viajantes estrangeiros no Brasil, no início do século XIX. Analisa a construção das paisagens das antigas cidades de Minas Gerais e o patrimônio cultural que elas conformam na atualidade. Contrapõe os valores historicamente atribuídos aos quintais domésticos na composição dessas paisagens urbanas e da identidade mineira e as opções do planejamento do turismo cultural nessas urbes. Por fim, reflete sobre os processos de patrimonialização dessas paisagens historicamente construídas, sob a perspectiva de um consumo turístico hoje. Dentre os viajantes estrangeiros, Auguste Saint'Hilaire e John Mawe, percorrendo o interior do Brasil, narraram a paisagem urbana de vilas mineiras, descrevendo seus "jardins" e a sua importância no arruamento das povoações e no abastecimento alimentar das famílias e das vilas. São utilizados os textos narrativos acerca das suas viagens que ocorreram entre 1809 e 1817. Usa-se, ainda, como fontes de pesquisa pinturas e mapas representativos desses lugares para entender esse *locus* urbano e seu papel na urbanidade e na domesticidade da família mineira, fator identitário importante e produto turístico relevante para o planejamento do turismo cultural em Minas Gerais.

O Património histórico-artístico das Caldas de Monchique na valorização do destino turístico algarvio

Ana Lourenço Pinto^a & Clara Moura Soares^b

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Instituto de História da Arte

^a amlpinto@hotmail.com; ^b claramourasoares@letras.ulisboa.pt

O Algarve é a região portuguesa de maior vocação turística, internacionalmente conhecida, pelas suas praias e campos de golfe. Localizado no interior do território algarvio, o concelho de Monchique, implantado na serra e dotado de um microclima particular, distingue-se da faixa litoral, beneficiando da íntima relação entre património natural e património histórico-artístico. Aqui se situam as únicas termas algarvias, as Caldas de Monchique, conhecidas como a “Sintra do Algarve”, cujas águas são afamadas desde a época romana. Tornando-se num destino pioneiro do turismo, na transição entre os séculos XIX e XX, antes mesmo da tendência dos banhos de mar, registou-se então um investimento singular nas arquiteturas e artes integradas do sítio, que lhe salientam a originalidade.

Esta comunicação propõe-se reflectir sobre a actual estratégia turística da região, no sentido de diagnosticar as principais oportunidades, apresentando o *Touring Cultural*, ancorado no conhecimento da História e do valioso património artístico local, como complemento aos produtos convencionais na valorização do destino turístico. A combinação de atracções culturais e paisagísticas na descoberta e fruição do território, permitirá diversificar a oferta local de Saúde e Bem-Estar e proporcionar o enriquecimento da experiência turística. Ao mesmo tempo, a dinamização do património arquitectónico e artístico das Caldas de Monchique, entre o qual se destacam equipamentos decorativos barrocos, arquiteturas dos séculos XIX e XX e respetiva arte integrada, poder-se-á apresentar como uma relevante estratégia nos desafios do turismo do Algarve, nomeadamente no combate à sazonalidade, já que o património histórico-artístico detém a capacidade de poder ser fruído ao longo de todo o ano.

Turismo cultural urbano: preservação da identidade e desenvolvimento local

Paulo de Assunção

Universidade São Judas Tadeu

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

assuncao@prestonet.com.br

Palavras-chave: turismo, cidade, identidade, património

A comunicação visa a discutir as práticas sobre o turismo cultural no espaço urbano e os impactos para a preservação da identidade e desenvolvimento local. Deve-se considerar que o turismo é caracterizado por uma estrutura transversal articulada a diversos setores da economia; liga-se a diversos segmentos, interferindo e sendo afetado por eles, o que confere a esta atividade uma natureza multidimensional e multifacetada. Os governos têm dado especial atenção ao turismo no plano político, elaborando estratégias para melhorar a qualidade dos serviços nesse setor, dando novos rumos à utilização insuficiente do potencial turístico de algumas regiões. O turismo urbano, principalmente o cultural, é uma atividade que ocorre nas grandes cidades e que normalmente tem uma duração variável, em função dos atrativos que a vida urbana possa oferecer ao turista. As cidades podem atrair visitantes pelos seus monumentos, museus, exposições permanentes e temporárias, manifestações artísticas e culturais (teatro, festivais de música, cinema), gastronomia, compras etc. O urbanismo cultural é um movimento crescente que permite as pessoas uma nova maneira de aprender na rede urbana. A cidade pode oferecer uma série de elementos culturais que não seriam possíveis em outras localidades de pequeno e médio porte. O turismo urbano constitui um verdadeiro desafio para as cidades, pois o fluxo de turistas que procuram um local está diretamente ligado à produção de imagens criadas. Se o crescimento da circulação de turistas representa uma intensificação das atividades econômicas, por outro lado, surgem problemas que precisam ser equacionados, como a infraestrutura e os equipamentos urbanos.

Iracema e Alencar, ícones literários de Fortaleza

José William Craveiro Torres^{1,a} & Maria Ednilza Oliveira Moreira^{2,b}

¹Universidade de Coimbra

²Universidade Federal do Ceará

^a williamcraveiro@hotmail.com; ^b ednilza@ufc.br

Palavras-chave: Iracema; José de Alencar; Fortaleza; Literatura Brasileira; Turismo cultural

Fortaleza, capital do Ceará, é um dos destinos turísticos mais procurados do Brasil, por conta dos seus 34 km de litoral. A sua praia mais conhecida é a de Iracema: nela podemos encontrar bares, restaurantes, barracas com apresentações musicais e com *shows* de humor, e hotéis de luxo. Exatamente pela sua importância, a Secretaria de Cultura do município denominou-a “Bem de Relevante Interesse Cultural”, razão pela qual têm sido criadas, pelo poder público, iniciativas capazes de aumentar o turismo cultural na região. Uma dessas iniciativas constitui-se, obviamente, no resgate de sua história, motivo pelo qual foram instalados, num dos espigões da praia, totens com trechos da obra *Iracema*, de José de Alencar, para apontar aos fortalezenses e aos turistas a origem do seu nome. A praia foi assim denominada, em 1930, para homenagear a protagonista do romance, bem como o seu criador; isso porque, de acordo com o narrador, era nos “verdes mares bravios” do litoral fortalezense que a índia costumava banhar-se. Na referida praia há, também, uma bela estátua, chamada “Iracema Guardiã”, de Zenon Barreto, como homenagem à personagem e ao autor. Pela cidade existem ainda outros monumentos em torno de Iracema, bem como muitas outras homenagens a Alencar: teatro, praça e bairro levam o seu nome. Estando dessa forma tão ligados à história e à cultura de Fortaleza, seria impossível que o autor e, principalmente, sua personagem não tivessem se tornado tão emblemáticos para a cidade. A presente comunicação tem, portanto, o objetivo de apresentar os esforços realizados pelo poder público municipal e pela Universidade Federal do Ceará para tornar, definitivamente, Iracema e José de Alencar ícones literários de Fortaleza, por meio da valorização da Literatura Brasileira/Cearense e do fomento ao turismo em torno de locais e de monumentos relacionados ao escritor e à personagem.

Promover o turismo cultural mediante a reconstituição de acontecimentos históricos: o caso, em Portugal, da feira medieval de Penela

Maria do Rosário Castiço de Campos

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

rcampos@esec.pt

Palavras-chave: turismo cultural, recurso turístico, património cultural, história ao vivo, recriações históricas, feira medieval.

As recriações históricas têm ganho uma progressiva relevância como eventos de promoção turística de uma localidade. A organização de feiras medievais e de outras recriações históricas, quer em Portugal, quer noutros países, evidencia a importância que estes eventos têm adquirido no âmbito do turismo cultural. A atestá-lo, apresentamos o caso da feira medieval de Penela, recriação histórica que se realiza no centro de Portugal.

Paisagens vinhateiras: identidade e turismo cultural no Brasil e em Portugal

Ana Lavrador^{1,a} & Ivanira Falcade^{2,b}

¹Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

²Universidade de Caxias do Sul, Brasil

^a ana.lavrador@sapo.pt; ^b ifalcade@ucs.br

Tanto em Portugal quanto no Brasil, as pesquisas evidenciaram que muitos produtores de vinho e associações usam imagens de paisagens na venda de vinho e produtos vînicos e na promoção turística das regiões vinhateiras. Por outro lado, agentes turísticos e turistas consideram importante a paisagem como elemento relevante da identidade cultural e atractividade das regiões vinhateiras, embora esse atrativo nem sempre seja devidamente explorado quer por turistas, quer pelos agentes económicos. Existem desajustamentos da oferta e da procura turística, em particular falta de infraestruturas que apoiem a exploração e potenciem o desenvolvimento das regiões vinhateiras a qual tem efeitos negativos em novas visitas e novos públicos. Existe também falta de consciencia do potencial que as paisagens encerram, por vezes, há um uso abusivo das imagens promocionais ou mesmo especulação imobiliária.

Neste artigo apresentam-se resultados de pesquisas efectuadas em Portugal e no Brasil, ligadas ao uso da paisagem nas imagens promocionais de regiões vinhateiras dos dois países. No caso de Portugal, são referidos resultados associadas a cinco regiões vitivinícolas de referência: Vinhos Verdes, Douro, Dão, Bairrada e Alentejo; e pelo Brasil apresentam-se estudos relativos às regiões da Serra Gaúcha, Vale dos Vinhedos, Pinto bandeira e Monte Belo.

São ainda apresentados exemplos de aplicação dos estudos efectuados ao desenvolvimento turístico de regiões vitivinícolas de Portugal e do Brasil.

O turismo e as comunidades religiosas dehonianas no Norte e Centro de Moçambique – um caso de estudo na Lusofonia

Catarina Encarnação Pereira

Universidade de Lisboa, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias

catarina.e.per@gmail.com

Palavras-chave: Comunidades do Sagrado Coração de Jesus - dehonianos, Moçambique, Turismo Cultural-Religioso, Possibilidades turísticas, análise SWOT.

Os sacerdotes da Congregação do Coração de Jesus (ou dehonianos), fundada em 1878, instalaram-se no século passado entre os povos do norte e centro de Moçambique e ainda hoje subsistem, em missões abertas ao mundo, junto da população que guiam espiritualmente e ajudam comunitariamente. Mas os novos tempos trouxeram dificuldades financeiras, e os seus membros têm de encontrar formas de sustentar as suas atividades. O turismo pode ser a solução para as comunidades de Nampula, Alto-Molocué, Quelimane, Milevane e Gurué, nas províncias de Nampula e Zambézia.

Esta comunicação baseia-se na dissertação de mestrado e pretende abordar as possibilidades turísticas das comunidades dehonianas presentes no centro e norte de Moçambique, assentes nas potencialidades das regiões onde se inserem, mais especificamente as particularidades naturais e culturais das comunidades locais e religiosas, e das atividades pastorais e sociais dos dehonianos. Através de análises SWOT criadas a partir da investigação no terreno, concluir-se-á a viabilidade do desenvolvimento da atividade turística com base nas casas dehonianas. Tal, no entanto, é uma solução que exige vontade e esforço financeiro por parte dos dehonianos e a atração do público-alvo adequado.

Identidade e Tradição no Remanescente de Quilombo: o turismo rural na comunidade do Engenho II em Cavalcante, Goiás

Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira

Universidade Federal de Goiás

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

jorgeannyf@gmail.com

Palavras-chaves: Turismo, Comunidade, Quilombolas, Identidade e Desenvolvimento Local

A busca pela prática do turismo em comunidades rurais tem-se tornado cada vez mais comum. O apelo pelo natural e bucólico contribuiu para o aumento da procura pelo contato com o meio rural. As paisagens simbólicas presentes no meio rural promovem a idealização dos indivíduos que procuram descanso e contato com a natureza. A paisagem cultural destas áreas intensifica essa busca ao proporcionar o contato do turista com as atividades praticadas no campo, como a fabricação de alimentos com frutos e legumes colhidos nas roças e as celebrações religiosas que acontecem nesses lugares. Em decorrência, alguns municípios brasileiros têm-se adaptado para exercer a atividade turística. O atendimento a demanda turística é uma alternativa para as comunidades que vivem da agricultura familiar, já que a modernização no campo e a expansão dos grandes produtores agrícolas impossibilitam a competição do pequeno agricultor no mercado agropecuário. O turismo é uma forma de geração de emprego e renda, além de promover a qualidade de vida da população local. Portanto, o turismo rural deve ser uma estratégia para o desenvolvimento de lugares onde podem se explorar economicamente os aspectos culturais e simbólicos ligados a identidade camponesa. As potencialidades turísticas do meio rural podem ser apropriadas pelas famílias, com base comunitária fortalecida pelo associativismo e/ou cooperativismo. Dessa forma toda a comunidade é beneficiada, por meio da geração de emprego, inclusão social e desenvolvimento local, que ocorre na medida em que a atividade turística no meio rural integra as famílias nas tomadas de decisões. Observamos o desenvolvimento da atividade turística em uma comunidade rural habitada por descendentes de quilombolas identificados como Kalunga: o Engenho II. Essa comunidade localiza-se em Cavalcante, Goiás a aproximadamente 400 km de Brasília. Nela, seus potenciais turísticos como cachoeiras, trilhas e paisagens bucólicas associadas a identidade camponesa, são explorados principalmente por empreendimentos já consolidados do centro urbano de Cavalcante, como agências de viagens e guias turísticos. A apropriação do turismo por parte da própria comunidade ainda é incipiente, tendo como principais atividades: a condução de turistas pela área por Kalunga; algumas casas servem almoços, lanches e bebidas; moradores alugam seus quintais para camping ou quartos de suas próprias casas. Preocupamos em refletir sobre as seguintes indagações: Como acontece o envolvimento da população local para o desenvolvimento da atividade turística no Engenho II? Esse envolvimento implica a cooperação de todos os moradores ou existem grupos contrários? O turismo na área rural dos quilombolas permite a valorização e preservação do patrimônio cultural e a identidade Kalunga? O lugar Kalunga, pautado nos laços simbólicos de pertencimento, se configura em mais um lugar turístico, caracterizado pela relação fugaz e efêmera próprias dessa atividade? As metodologias utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa foram revisão de literatura,

observação participante e entrevistas semiestruturadas. Tais procedimentos subsidiaram reflexões e análise sobre a área e fenômeno estudado.

3.4 Identidade, autenticidade e imaginários

Lisboa retro-vintage: procura e uso turístico de permanências e reinvenções do século XX na contemporaneidade urbana

Ricardo Torrão^{1,a}, Ana Magalhães^{2,b} & Carlos Cardoso Ferreira^{2,c}

¹Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

²Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

^a ricardo.torao@sapo.pt; ^b ana.moura.magalhaes@gmail.com; ^c carlosferreira@campus.ul.pt

Palavras-Chave: Lisboa, Turismo, *Gaça*, Retro-Vintage, Autenticidade.

Por forma a dar resposta às especificidades do perfil do novo turista, e portanto assegurar a abrangência de um maior número de segmentos de mercado, nos últimos anos têm surgido em Portugal diversos nichos turísticos: adicionando à oferta massificada do “sol e mar”, criam-se de raiz e/ou seleccionam-se da realidade os elementos apropriados à constituição de novos *gaças* (cf. Urry, 1990) e experiências temáticas (golf, gastronomia, literatura, entre outros). Simultaneamente, Lisboa configura-se como destino turístico consolidado e em crescimento nos barómetros que medem a popularidade dos locais nos mapas do turismo internacional, possuindo um ecletismo peculiar e tem sido fértil em proporcionar vários *gaças*, distintos no tempo, ainda que no mesmo espaço.

Hoje em dia, é inegável a existência de uma procura por produtos, lugares e experiências que evocam e nos transportam para um tempo passado. Actualmente, esta corrente revivalista é visível em toda a Lisboa: mostra-se nos *decors* dos hostels, bares e restaurantes, nas inúmeras lojas de conceito *retro-vintage*, nos produtos que são “repscados” do passado e que entram nos hábitos de consumo. O passado nunca esteve tão presente.

Deparamo-nos com uma profusão de recursos ancorados de forma mais ou menos directa à ideia de revivalismo, ou seja, da recuperação necessariamente selectiva de um passado cronologicamente recente (concretamente o século XX), tanto ao nível das imagens como de um certo estilo de vida a elas associadas. Esta realidade dá corpo a uma tendência que associamos a mudanças estruturais ao nível das práticas e da produção-consumo turísticos e que pretende dar resposta a necessidades e motivações dos viajantes contemporâneos, as quais passam muito pela procura de um sentido de continuidade e pertença e pela busca de autenticidade. Por outro lado, a criação deste tipo de oferta levanta questões como a mercantilização e objectificação da cultura, ou apropriação, que numa primeira abordagem se poderia considerar de leviana, de conceitos como autenticidade ou tradição.

Estes são alguns pontos sobre os quais nos propomos reflectir, enquanto perspectivamos estas viagens revivalistas ao passado como potencial nicho de turismo, tendo como pano de fundo as conjugações entre velho e novo cada vez mais patentes em Lisboa.

Da autenticidade à simulação: alguns exemplos de reenquadramentos turísticos no Brasil

Ana Moura Magalhães

Universidade de Lisboa, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

ana.moura.magalhaes@gmail.com

Palavras-chave: usos da história, autenticidade, simulação, Brasil

A relação entre turismo e história tem dado origem a produtos muito diversificados. Não obstante, é possível identificar alguns denominadores comuns de alcance mais ou menos generalizado. No caso europeu, poder-se-á dizer que a relação entre turismo e história mobiliza uma certa ideia de espaço enquanto ponto de contacto entre o presente e o passado, manifesta na fidelidade aos lugares e aos objectos — sejam eles ruínas e outros vestígios arqueológicos, edifícios preservados, museus, ou mesmo paisagens e ambientes naturais. É neste âmbito que se situam as reflexões antropológicas em torno dos conceitos de autenticidade, invenção da tradição, objectificação da cultura e usos da história (cf. Lowenthal 1985, Handler 1984; Herzfeld 1991, Bruner 1994), quase sempre no sentido de evidenciar o carácter construído e, em larga medida, arbitrário dos processos identitários e da oferta turística que lhes está associada.

Existirão, porém, casos em que a relação entre o turismo, as identidades e a história parece mais desenvolvida e onde o espaço é usado como uma espécie de tábua rasa a partir da qual se pode reconstituir praticamente tudo, originando modalidades de turismo e lazer que remetem para tempos e espaços aparentemente desfasados do seu contexto envolvente. Esta comunicação considera três exemplos relativos ao Brasil e que podem suscitar um enquadramento conceptual diferente, marcado por uma valorização da simulação em detrimento de uma noção de continuidade com o passado: a cidade de Brasília, construída durante a década de 1950 e, entretanto, englobada na categoria de Património Cultural da Humanidade pela UNESCO; a cidade de Holambra, no estado de São Paulo, fundada em 1991 e considerada estância turística pela Embratur desde 1998; e os motéis de estrada espalhados pelo país e que recriam determinados ambientes temáticos.

III Colóquio Internacional Interdisciplinar

Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal

19, 20 e 21 de janeiro de 2015

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

PORTUGAL